



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

JOSÉ AUGUSTO SOROLI

**A CONSTRUÇÃO E A DESCONSTRUÇÃO DE FERNANDO AFFONSO
COLLOR DE MELLO A PARTIR DA REVISTA VEJA (1989-1992)**

CHAPECÓ

2017

JOSÉ AUGUSTO SOROLI

**A CONSTRUÇÃO E A DESCONSTRUÇÃO DE FERNANDO AFFONSO
COLLOR DE MELLO A PARTIR DA REVISTA VEJA (1989-1992)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para obtenção de grau de licenciado em História pela Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Luiz Miranda

CHAPECÓ

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Soroli, José Augusto

A Construção e a Desconstrução de Fernando Affonso Collor de Mello a partir da Revista Veja (1989-1992)/ José Augusto Soroli. -- 2017.

72 f.

Orientador: Antonio Luiz Miranda.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História , Chapecó, SC, 2017.

1. Fernando Collor. 2. Revista Veja. 3. Imprensa. 4. Política. I. Miranda, Antonio Luiz, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos oito dias do mês de dezembro de dois mil e dezessete, dezesesseis horas nas dependências do Campus Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFES), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos professores: **Prof. Antônio Luiz Miranda (Orientador), Profª. Monica Hass (Avaliadora) e Prof. Fernando Vojniak (Avaliador)**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo acadêmico **José Augusto Soroli** sob o título: *A construção e a desconstrução de Fernando Affonso Collor de Mello a partir da Revista Veja (1989-1992), (1992-2017)*, obteve a média final 9,0 sendo considerado APROVADO.

Chapecó - SC, 08 dezembro de 2017.

Prof. Antônio Luiz Miranda - Orientador

Profª. Monica Hass - Avaliadora 1

Prof. Fernando Vojniak - Avaliador 2

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as publicações da Revista Veja no período entre 1989 e 1992, período anterior a eleição que colocaria Fernando Collor na presidência do Brasil até seu *impeachment* ao final de 1992, comparando o discurso do periódico que o enaltecia antes e durante as eleições, e posteriormente o atacava, principalmente após a denúncia de seu irmão ao periódico em 1992. Além da análise desta fonte, há também uma discussão teórica abrangendo espectros da História Política, tendo como aporte principal *René Rémond*. Discute-se também o uso de periódicos como fonte, quais cuidados devemos ter, como abordar, como manter-se imparcial perante os discursos trazidos, etc. Ao passo em que a imprensa passou a crescer como fonte de informação no Brasil, temos a partir de então um cenário onde se formam grandes corporações midiáticas, sendo um dos casos a Editora Abril, detentora da Revista Veja. Este periódico sempre colocou as questões políticas acima das outras em suas coberturas, sendo uma revista que se dedica a trazer fatos e opiniões acerca do que tange o cenário político. A construção da revista como sujeito e o crescimento de sua credibilidade perante seus assinantes e população em geral, faz com que o periódico se torne também um formador de opinião, e a partir destes discursos trazidos por Veja no acontecimento em questão que este trabalho se pauta, na construção de discursos, na publicação de manchetes, nas escolhas políticas, etc. Por fim, analisar esta conjuntura política que alçou Collor a presidência e o retirou em 1992, configura também uma análise do poder pelo qual a imprensa no Brasil passa a ter, principalmente nos aspectos políticos, sendo a imprensa a principal porta voz do Congresso para com os eleitores, onde que por possuir boa credibilidade perante seus assinantes e população em geral, tais fatos são vistos como "meras verdades". Portanto, analisar os discursos trazidos pela Revista Veja antes e durante o governo Collor, e as diferenças trazidas nestes discursos tornam-se de vital importância para compreendermos a conjuntura política da época abordada, e quais os desdobramentos que tais discursos trazidos pela imprensa escrita podem ou não configurar mudanças no cenário político nacional.

Palavras-chave: Veja. Collor. Imprensa. Política.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the publications of *Veja Magazine* in the period between 1989 and 1992, the period prior to the election that would put Fernando Collor in the presidency of Brazil until his impeachment at the end of 1992, comparing the speech of the newspaper that exalted him before and during the elections, and later attacked him, mainly after his brother's denunciation of the newspaper in 1992. In addition to the analysis of this source, there is also a theoretical discussion covering specters of Political History, with the main contribution René Rémond. It also discusses the use of periodicals as a source, what care we should have, how to approach, how to remain impartial in the speeches brought, etc. As the press began to grow as a source of information in Brazil, we have since then a scenario where large media corporations are formed, one of them being Editora Abril, which holds *Veja Magazine*. This newspaper has always put political issues above the others in its coverage, being a magazine that is dedicated to bring facts and opinions about what the political scene. The construction of the journal as a subject and the growth of its credibility in relation to its subscribers and the population in general, makes the journal also become an opinion maker, and from these speeches brought by *Veja* in the event in question that this work is scheduled, in the construction of speeches, in the publication of headlines, in political choices, etc. Finally, analyzing this political situation that elevated Collor to the presidency and withdrew it in 1992, also constitutes an analysis of the power that the press in Brazil happens to have, mainly in the political aspects, being the press the main voice of the Congress towards the voters, where by having good credibility vis-à-vis their subscribers and the general population, such facts are seen as "mere truths." Therefore, analyzing the speeches brought by the *Revista Veja* before and during the Collor government, and the differences brought about in these discourses it is vitally important to understand the political conjuncture of the time, and what are the consequences that such speeches brought by the print media may or may not shape changes in the national political scene.

Keywords: *Veja*. Collor. Press. Policy.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	A IMPRENSA ESCRITA E SUA INFLUÊNCIA NOS RUMOS POLÍTICOS DO PAÍS	11
2.1	O DESCRÉDITO DA HISTÓRIA POLÍTICA E SEU RENASCIMENTO A PARTIR DE NOVOS CONCEITOS	11
2.2	TRABALHANDO COM FONTES JORNALÍSTICAS: CREDIBILIDADE, DEMANDA DE MERCADO, PUBLICIDADE E SUAS RELAÇÕES COM OS ASPECTOS POLÍTICOS	16
3	CONSTRUINDO E DESCONSTRUINDO FERNANDO COLLOR DE MELLO: COMO A REVISTA VEJA SE PORTOU DIANTE DESTE QUADRO POLÍTICO (1989-1992)	23
3.1	A REVISTA VEJA E SUA LINHA EDITORIAL E POLÍTICA	23
3.2	ANÁLISE DO DISCURSO DE VEJA NA CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE FERNANDO COLLOR (1989-1992)	26
3.3	A MUDANÇA DE DISCURSO DA REVISTA VEJA EM RELAÇÃO A FERNANDO COLLOR	56
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
	REFERÊNCIAS	71
	NOTAS	72

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa analisar o processo de construção e desconstrução de Fernando Collor de Mello, tanto no meio político, quanto no meio pessoal. A Revista Veja servirá como alicerce nesta pesquisa, sendo a fonte principal nesse trabalho. Analisar a apuração dos fatos, as publicações, além do próprio contexto histórico do acontecimento em questão, são as principais nuances a serem apresentadas conforme o andamento dessa monografia.

A cronologia desta análise pauta-se a partir de 1989 e termina em 1992. O que nos remete a esse recorte histórico é o contexto político em questão. O ano de 1989 é o ano das eleições que alçariam Fernando Collor ao cargo de Presidente da República, vencendo um pleito contra Luiz Inácio Lula da Silva¹, Leonel Brizola², Mário Covas³, Ulysses Guimarães⁴, dentre outros. É o ano onde inicia-se a construção de um discurso e uma publicidade sob o prisma de promover o então desconhecido candidato do PRN (Partido da Reconstrução Nacional) a Presidência da República. Já 1992 é o ano da derrocada política de Collor, onde um processo de *impeachment*⁵ acaba resultando na cassação de seus direitos políticos, um processo construído a partir de denúncias levadas junto a Revista Veja, feitas pelo irmão do presidente, resultando na abertura de uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) e na troca presidencial. Sai Collor, entra seu vice Itamar Franco.

Analisar uma fonte como essa requer muitos cuidados, principalmente pelo fato dos periódicos serem pautados através de discursos, que na maioria das vezes são ancorados na opinião pessoal do colunista que assina a matéria, ou propriamente do próprio meio de comunicação ao qual se lê, neste caso, a Revista Veja. Estes discursos podem ou não serem absorvidos pelos assinantes destas mídias escritas, porém quando de sua absorção, tornam-se discursos plausíveis e geradores de debate, de grande circulação dentre a comunidade assinante, ou mais ainda, dentre a população brasileira em geral.

O fenômeno de desconstrução de Fernando Collor é o maior exemplo da construção de um discurso. As denúncias que afunilaram contra ele e seu tesoureiro Paulo César Farias⁶ foram publicadas pelo periódico analisado neste trabalho. Após a sua publicação, mesmo quem não era assinante ou não tinha acesso a este tipo de fonte de informação, passou a conhecer o periódico descrito. Utilizar tal fonte discursiva com viés político torna-se uma ferramenta de construção gradativa de preceitos políticos afinados com o periódico, sendo a difusão de seu discurso algo incerto, porém se difundido, pode sim alterar os rumos políticos da nação.

Quando falamos em jornais e revistas, notamos que com o passar dos tempos vários periódicos foram especializando-se em determinada área de cobertura. Há revistas

especializadas em esportes, seja o futebol ou automobilismo, em cultura, abordando teatro, música, em entretenimento, abordando a vida pessoal de pessoas famosas, ou inclusive abordagens com viés político ou ideológico, como por exemplo jornais que circulam dentre correligionários de partidos políticos, ou propriamente jornais e revistas que possuem como principal objetivo informar, porém trazem consigo um discurso favorável ou não aos preceitos políticos colocados em pauta, este é o caso da Revista Veja.

A partir do fim do período militar, temos um novo panorama de cobertura da imprensa perante os acontecimentos. Se antes a censura imperava e tudo passava pelo crivo do poder, agora os periódicos não estão mais submetidos a isso, criando com isso um discurso próprio ao qual se encaixa, e no caso específico de Collor, criou-se lá em 1989 um discurso favorável a sua personalidade, construindo a partir de então a imagem do político ideal para o país, ascendendo em um contexto de crises políticas e econômicas, sendo a pessoa que mais aproximava-se desta imagem pautada no imaginário nacional, em tese, o "salvador da pátria". O fenômeno Collor torna-se ainda mais difícil de ser explicado se levarmos em conta suas raízes políticas, e principalmente o tamanho minúsculo de seu partido perante os grandes partidos da época, como PFL (Partido da Frente Liberal), PDS (Partido Democrático Social), PDT (Partido Democrático Trabalhista), PT (Partido dos Trabalhadores), PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), dentre outros.

Aspectos políticos e jornalísticos também são abordados neste trabalho. A partir de René Remond⁷, trabalharemos o contexto do ressurgimento da história política, suas novas abordagens, sua revitalização após sofrer intensas críticas no campo da historiografia em grande parte do século XX, retornando somente a partir da segunda metade do século com novas abordagens, sendo estas necessárias para a própria continuação da história política como campo historiográfico, já que os preceitos existentes anteriormente não supriam de fato o que a historiografia política como um todo absorve e contextualiza.

Em relação aos aspectos jornalísticos, nos amparamos em Tanea de Luca⁸ e Maria Helena Capelato⁹, principalmente ao que concerne o uso de fontes, sendo neste caso os periódicos. Além dos cuidados que devemos tomar ao abordar tal temática, devemos ter em mente os interesses que existem por trás destas mídias, como os anunciantes, o público-alvo, a construção de um discurso político neste caso, o viés no qual o periódico se encaixa, direita, esquerda, centro, liberal, conversador, etc. Estes interesses são muito pautados nestes aspectos, e também levam em conta a ideologia dos donos destes meios de comunicação, encaixando essa ideologia com preceitos de seus principais anunciantes e colaboradores, buscando a partir disso um público-alvo que se insira neste discurso. O leitor pode até ler este discurso e não compactuar com ele, porém ao identificar-se com isso, a publicação ganha novos adeptos em seus conceitos políticos, podendo configurar

ao final em maior lucro por absorver mais assinantes que compactuem com tais ideias. Porém a Revista Veja em questão, sempre mostrou-se favorável a uma ideologia liberal, principalmente após o fim da censura, e sempre buscou expressar em seus discursos a defesa por este tipo de pensamento. Não importa quem esteja no poder, o que importa é a defesa deste tipo de prática, em prol é claro de interesses aos quais submetem-se.

Este trabalho estrutura-se em dois capítulos. O primeiro aborda as relações da imprensa na política brasileira, trazendo com isso aspectos mais teóricos acerca do tema abordado, relacionando jornalismo com política, uma relação que se estreita cada vez mais conforme os interesses são colocados na pauta. O segundo capítulo trata de maneira mais aprofundada a análise da revista em relação ao acontecimento político em questão, enfatizando como Veja contribuiu para a construção e desconstrução da imagem de Fernando Collor perante o imaginário do eleitor brasileiro, levando em conta as mudanças de discurso e propriamente a ruptura que foi acontecendo gradativamente neste caso. Não se trata aqui de avaliar o governo ou a gestão Collor, por mais que a linha temporal seja parecida. Trata-se aqui de enfatizar o papel da Revista Veja neste contexto político, sendo ela um dos principais aportes para a pesquisa histórica deste acontecimento, porém é claro, os cuidados devem ser redobrados ao analisar tal tipo de fonte, por ela mover ideologias as quais determinado meio de comunicação se identifica.

A partir de agora, traçaremos um panorama que remonta ao final dos anos 80 e início dos anos 90, buscando junto ao leitor identificar os principais motivos e hipóteses que levaram a este cenário de construção e desconstrução de Fernando Collor, tendo como base a Revista Veja e seus discursos, sendo este um acontecimento até então ímpar na história política brasileira, o *impeachment* de um presidente, tendo a imprensa um papel muito importante nesse contexto.

2 A IMPRENSA ESCRITA E SUA INFLUÊNCIA NOS RUMOS POLÍTICOS DO PAÍS

2.1 O DESCRÉDITO DA HISTÓRIA POLÍTICA E SEU RENASCIMENTO A PARTIR DE NOVOS CONCEITOS

Podemos constatar que o estudo da história política sofreu intenso descrédito com a ascensão da escola dos *Annales*¹⁰ no final da década de 20 do século passado. Esta escola buscava trazer novos diálogos para o campo da história, como com as ciências sociais, econômicas, antropológicas, dentre outras, sendo a política também alvo destas críticas, já que não dialogava com outros campos historiográficos.

A história política reunia portanto um número infindável de defeitos - era elitista, anedótica, individualista, factual, subjetiva, psicologizante - que uma nova geração de historiadores desejava liquidar. Era chegada a hora de passar de uma "história dos tronos e das dominações para aquela dos povos e das sociedades. (FERREIRA, 1992. p. 265)¹¹.

A própria interação com outras áreas, como matemática e estatística nos revelam que esta nova história política passou a se interessar ainda mais pelas eleições, já que estes dados apurados pelos órgãos responsáveis são interessantes para notarmos onde há maior concentração de massas eleitorais com maior ou menor empatia a determinados partidos, candidatos e ideologias, e isto é importante para traçar estratégias políticas e buscar investir em maior escala nas regiões onde determinado candidato se vê desfavorecido em relação a outro.

Os debates eleitorais também são um novo fenômeno desta nova política, porém ele é mais um fenômeno midiático do que político, pois na grande maioria das vezes é organizado por emissoras de rádio, televisão, ou imprensa escrita.

Para Rémond¹², mesmo com todos estes dados estatísticos e novos modelos que foram trazidos a história política, ainda é muito difícil constatar como ocorrem os comportamentos políticos, as mudanças repentinas de voto, o que move estes fenômenos, além de outros fatores humanos. No caso do Brasil, cabe analisar quem são os cabos eleitorais de determinado candidato em cada região, como se dá a organização da campanha de cada candidato, se nesta região ainda impera o "coronelismo"¹³, se os eleitores trocam seus votos por favores ou dinheiro, etc. São estas variáveis que muitas vezes decidem os pleitos eleitorais, sendo que por mais que os dados estatísticos possuam exatidão, os comportamentos eleitorais são cada vez mais confusos.

As campanhas políticas durante o pleito também são de suma importância, sendo que é neste momento que as coligações, articulações e estratégias são colocadas em

prática, havendo assim forças que batem de frente em busca de cargos a serem preenchidos, demonstrando quais as opiniões, atitudes e ideias das massas para com essas estratégias. Esta análise se faz muito necessária para que as pesquisas não sejam sempre levadas para a mesma direção, já que muitas vezes a imprensa traz consigo uma carga de permanência, onde os comportamentos dos eleitores pouco se modificam, estando muitas vezes a pesquisa destes fenômenos comprometidas por causa desta ideia de permanência. Portanto, é necessário avaliar a opinião pública e as massas eleitorais de modo mais agudo, a fim de observarmos as pequenas e grandes mudanças nos cenários políticos, onde a nova história política se redesenha a partir destes fenômenos.

Na visão de Rémond¹⁴, estas inovações neste campo de estudo possuem o objetivo de conscientizar e estimular as massas a participarem dos processos políticos, para também obtermos conclusões contundentes acerca de nossas convicções políticas, articuladas junto a realidade social de cada um.

Além das críticas que a história política recebeu principalmente no século XX e desta necessidade em se modificar, as próprias transformações sociais, políticas e no imaginário da população permearam estas mudanças, vide que com a ascensão da democracia em grande parte do mundo, com novos pensamentos de viés liberal e menos autoritários como outrora, muitas mudanças também se fizeram necessárias graças a estes fenômenos, sendo uma nova história menos pautada nos principais personagens, e mais pautada nas massas que participam dos processos políticos.

Outro ponto a ser salientado é o da história política sempre tentar criar heróis e mitos da pátria, sejam eles políticos, como presidentes, congressistas, ou propriamente esportistas que levaram o nome do Brasil país afora, onde muitos escritos da história política do Império ou da Colônia foram deixados de lado em prol de uma nova roupagem da história política com a República, havendo um enaltecimento de personagens como Tiradentes¹⁵, Tancredo Neves¹⁶, Ulysses Guimarães, Juscelino Kubitschek¹⁷, Getúlio Vargas¹⁸, dentre outros.

Apesar da história política sofrer intenso descrédito, ela está interligada com vários outros campos da história, principalmente ao que concerne a história das mentalidades, já que os processos políticos são decorrentes das massas que agem nestes pleitos, principalmente nos regimes democráticos. Portanto, a própria história política serve como parâmetro para estudarmos as mentalidades dos séculos passados e suas transformações, onde que cada pensamento tido como de "senso comum"¹⁹ ou político, pode se diferenciar em questão de anos, décadas ou séculos.

Esta ideia de escrever política através de uma história ou de um contexto nacional torna-se ainda mais difícil devido as construções de identidades regionais feitas no passado que impedem pensar a história a partir de uma unidade nacional, e sim a partir de inúmeras identidades regionais que se diferem pelo fato do Brasil ser um país tão vasto, com inúmeras particularidades e diferentes ideologias, dificultando e muito este tipo de pesquisa.

O próprio sentimento de identidade, de pertencimento a uma regionalidade, a um sentimento nacional permeiam o imaginário destes escritos políticos, onde também há o pertencimento a uma classe, a uma raça, sendo que todos estes fatores podem movimentar a escrita da história política e também a da história das mentalidades.

Para Borges²⁰, a partir desta nova história política e com esse estudo das massas, há também uma ideia de que estas massas "salvem a sociedade", pois agora a população é um sujeito participante da política, não mais fadada somente as suas principais figuras do cenário político.

Estes novos conceitos também trouxeram novas visões destes personagens políticos antes em destaque para com as massas, reconhecendo estes a importância desta nova classe, vide que dependem destes eleitores para alçar cargos pelos quais anseiam. As lutas de classes e de movimentos sociais também podem ser um termômetro para estas mudanças, já que estas minorias buscam seus espaços no meio político.

Este diálogo com outros campos proporcionou também uma nova visão sobre os partidos políticos, sobre a opinião pública, sobre os processos eleitorais, sobre a mídia que cobre estes eventos, etc. A análise dos discursos passa a ter papel primordial na análise da história política a partir de então.

Para Barros²¹, a palavra poder é o que enrijece de fato os conceitos e espectros políticos, onde os discursos, os micro poderes, os sistemas de representações, estes representados por pequenas concentrações de poder, vão se fortalecendo para assim formar uma grande rede de poder, como por exemplo os diretórios municipais dos partidos políticos, que nacionalmente possuem uma voz muito ativa nos rumos da política brasileira, esta representada por suas lideranças. A palavra poder também passou a receber novas roupagens, não levando em conta apenas as elites envolvidas nos processos políticos ou os grandes personagens da história política, mas tendo as massas também como objeto central a partir destes novos conceitos de poder trazidos à tona, levando em conta também as relações de poder estabelecidas no cotidiano, como por exemplo, a

hierarquia dentro de uma empresa, e a relação destas pessoas (grandes empresários) com os rumos políticos (patrocínios de campanha, ajuda a determinado candidato, etc).

Com as novas abordagens também vieram novas análises, principalmente das ciências políticas que buscam relacionar aspectos políticos com aspectos econômicos, estando um a mercê do outro, e não mais separados como antes, já que com o declínio da história política, passou-se a se dar muita importância para uma história econômica e para uma história das mentalidades, porém não há política sem as mentalidades que permeiam o imaginário eleitoral, e não há economia sem a tomada de decisões políticas, decisões que podem construir ou desconstruir determinado governo, como no caso descrito neste trabalho em relação a Fernando Collor. O aparecimento das políticas públicas fazem com que percebamos que não há uma separação entre política e economia, já que um governo deve investir no bem-estar de sua população para que seus aspectos políticos, sua ideologia e seu prestígio não sejam meras falácias.

No caso estudado, estamos falando também de aspectos econômicos, como o Plano Collor I²² e II²³ que contribuíram também para a perda de prestígio de Fernando Collor, onde o confisco das poupanças influenciou muito negativamente o olhar da população para com seu presidente, até porque a população sempre espera que seu líder supere as adversidades econômicas de seu país sem "mexer no bolso" das pessoas.

Outro ponto a ser combatido pela nova história política é o aspecto da continuidade, da acomodação para com os sistemas e regimes políticos vigentes, tais como esta velha história política traçava, sendo esta história contada a partir dos vencedores, de quem governava, do enaltecimento destas personalidades, estando estes documentos muitas vezes nas mãos do Estado que muitas vezes censurava escritos da história política, havendo uma narrativa histórica contada a partir de cronologias, mandatos, regimes, escândalos referentes ao governo, etc. Este é mais um aspecto que a nova história política busca romper. Outra grande diferença é a ascensão da imprensa como porta-voz dos processos políticos, principalmente na metade final do século XX amparada em seus discursos.

Além do que já foi abordado e trazendo à tona novos conceitos a serem esmiuçados, há também a realidade social que jamais pode ser ignorada pela história, onde atualmente vemos cada vez mais uma população que espera que o Estado tome conta dela, que espera que o aparelho estatal tome cada vez mais atribuições para si com fins de manter e financiar o bem-estar desta população, destas massas que pagam impostos e esperam algo em troca, destas massas que elegem seus representantes e esperam uma representação cada vez maior por parte de seus governantes.

Na questão do Brasil, havendo esta separação entre o Poder Legislativo e Executivo, também estamos falando de um modelo que cria, que executa, que regula e que legisla estas atribuições pelas quais as massas competem ao Estado, ficando cada vez mais difícil separarmos as esferas políticas das outras esferas, e mais difícil ainda não nos debruçarmos de fato no que esta nova história política traz como objeto de estudo, pois jamais podemos analisar o ser humano e suas ideologias se não analisarmos os contextos políticos pelos quais este ser humano está interligado.

Neste contexto, podemos notar que há um interesse cada vez maior das massas em participar destes processos que afetam a coletividade, sendo este fenômeno algo que vem aumentando gradativamente conforme os interesses da sociedade vão tomando forma de maneira positiva ou negativa, tudo dependendo do ponto de vista dos envolvidos, estando estas massas cada vez mais convencidas de que a política tem o poder de solucionar todos os problemas da sociedade, inclusive a vida pessoal de cada um, onde que na visão de Rémond²⁴, há uma frustração destas massas quando esta “utopia” não é alcançada.

A abertura da história política para o diálogo com outras áreas também faz parte desta renovação e revitalização dela, principalmente com os campos econômicos, sociais, ideológicos, e com as ciências políticas, sociais, psicologia, direito, linguística, matemática, etc. Não há mais aquela história política baseada em personagens, biografias de notáveis, golpes de estado, textos legislativos, documentos de Estado e datas marcantes, há uma história política baseada em uma análise mais criteriosa e dialogada com outras áreas, que leva em conta personagens antes escondidos nas narrativas políticas.

De fato, esta História política pela qual se rompe, é o estudo do Estado, sendo o papel desta instituição primordial para o estudo da história política. A chegada da democracia também influenciou este fenômeno, já que agora as massas participariam mais ativamente dos processos políticos, havendo o rompimento não somente com a história política que excluía as massas, mas também com todo tipo de história que tinha o mesmo papel. O Estado passou a ser visto como instrumento de autonomia e consolidação das classes dominantes, também como elitista e ultrapassado. Bem, era necessário um rompimento, pelo menos no modo de descrever estas estruturas.

2.2 TRABALHANDO COM FONTES JORNALÍSTICAS: CREDIBILIDADE, DEMANDA DE MERCADO, PUBLICIDADE E SUAS RELAÇÕES COM OS ASPECTOS POLÍTICOS

Quando falamos em jornais e revistas, estamos abordando acerca de um tema difícil para se debater e pesquisar, pelos diferentes pontos de vista e manchetes que cada periódico pode nos trazer, onde para Capelato²⁵, todo e qualquer periódico, seja jornal ou revista tem em si um público-alvo, um público ao qual se quer atingir, se quer fidelizar como assinante voraz que consome e se faz leitor destes meios escritos. Há inúmeros artifícios para se atingir tal objetivo, já que a concorrência de mercado está cada vez maior, onde o objetivo agora não é mais informar os fatos com fidelidade, e sim atrair mais leitores do que os periódicos concorrentes. Outro fato a ser ressaltado é saber qual tipo de público-alvo se quer atingir, dividindo-os em classes, ricos e pobres, gênero, homens e mulheres, ou por assuntos, como política, economia, esportes, sexo, tecnologia, etc. Além disso, com os novos meios digitais que vão se inserindo cada vez mais no cotidiano brasileiro, os periódicos tiveram que se reinventar, a buscarem novos meios, a apresentarem atrativos diferenciados para seu público, já que a vinda de tal fenômeno pode vir a fazer com que redações inteiras fechem em prol desta nova demanda digital que se aproxima cada vez mais.

As fotos são outro meio pelo qual as revistas e os jornais se pautam a fim de convencer o leitor da veracidade dos fatos descritos, onde a combinação de cores e a maneira como os fundos das imagens são trabalhados influenciam a opinião do leitor, que muitas vezes assimila estas notícias como meras verdades, já que por estarem fidelizados a estas linhas editoriais, acreditam que tudo que está contido ali é uma descrição precisa dos fatos narrados.

A apresentação destes periódicos também pode atrair ao leitor, pois dependendo da forma como estas mídias escritas se apresentam, é que a credibilidade para com o leitor aumenta, onde se nota que tal periódico investiu mais pesado na apresentação de sua revista ou jornal do que o outro, assim aumentando seu leque de circulação dependendo os casos.

Em relação aos aspectos políticos, a imprensa tem um papel claro de transmitir estas notícias, de ser a porta-voz do Estado para com os brasileiros e vice-versa. Isso acontece pelo fato de historicamente ela ter obtido uma credibilidade para com uma boa parcela da população, e esta vendo a imprensa como legítima porta-voz dos fatos políticos.

Ao mesmo tempo em que receber informações é um direito da população, há também um jogo de interesses por trás destes meios de comunicação, onde mesmo estas informações sendo de interesse e de utilidade pública, são os interesses privados que constroem e desconstróem estas manchetes, vide que há decisões muito claras sobre quais notícias estampar na capa e quais estampar em uma pequena coluna, como se dizendo que esta notícia é irrelevante em relação a outra com maior ênfase.

"Ocorre então que, neste mundo desigual a informação, direito de todos, transforma-se numa arma manipulada pelos poderosos – o segredo é a sua outra face". (CAPELATO, 1988. p. 18)²⁶.

Se os periódicos possuem este poder descrito acima, eles também se inter-relacionam com os interesses aos quais eles estão ligados, como por exemplo os grandes anunciantes destes jornais e revistas, que investem muito alto em publicidade para ter nestes periódicos manchetes de seu interesse, e não uma defesa a um sistema diferente ao do livre mercado, do capitalismo, do empreendedorismo, da concorrência, dos grandes conglomerados empresariais, etc. O próprio editorial destas revistas em sua maioria aborda aspectos políticos da nação, que são na maior parte das vezes a opinião do veículo de comunicação ao qual se lê, e não a opinião isolada de quem assina a coluna, já que ele passa pela aprovação de editores e redatores para ser publicado, podendo sair de uma opinião de um veículo de comunicação para uma opinião pública, passível de senso comum, e é neste aspecto que mora o perigo pelo qual este poder tão grande dado a imprensa se constrói.

Pelos fatos descritos acima, pode-se entender os motivos pelos quais a escrita da história através dos periódicos, igualmente a história política sofreu intenso descrédito, sendo que somente a partir da década de 1970 é que passou-se a se olhar para estas fontes com maior importância, e não mais como fontes complementares as pesquisas abordadas, ou como última via em caso de ausência total de fontes para o assunto a ser tratado. Porém, deve se atentar para os perigos reais pelos quais estas fontes trazem ao pesquisador.

"Na construção do fato jornalístico interferem não apenas elementos subjetivos de quem o produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado". (CAPELATO, 1988. p. 22)²⁷.

São estes reais perigos aos quais o historiador irá se deparar que podem fazer com que este apenas reproduza meramente o que a sua fonte de pesquisa diz, trazendo consigo uma carga muito pesada de continuação e reprodução do sistema de mídia ao qual estamos

inseridos, e dando a esta a importância pela qual ela busca, a de ser a mera reprodutora da verdade, com maior credibilidade do que as ciências políticas por exemplo, pois as ações desta imprensa nos dias de hoje podem produzir ou não mudanças no futuro, tudo dependendo de quais artifícios ela usará para alcançar seus objetivos e atrair seu público-alvo.

Conforme a credibilidade desta imprensa escrita aumenta, a credibilidade de outras fontes que produzem conhecimento diminui, já que na maioria das vezes, o leitor prefere ler uma resenha ou uma notícia mais "mastigadinha" do que ler uma obra mais aprofundada acerca de temas do seu interesse, onde muitas vezes estes jornalistas se sobrepõem a quem escreveu sobre tais temas anteriormente por possuírem maior credibilidade em relação aos seus leitores.

Quando fala-se em leitores, estamos levando em conta o público-alvo atingido, onde dependendo da circulação destes periódicos, sua difusão torna-se um "mantra"²⁸ dentro da comunidade leitora, levando seus conceitos e aspectos para as mais variadas possibilidades, atingindo não somente seu público-alvo, mas também a comunidade em geral, tanto conceitualmente, quanto ideologicamente.

Por mais que os aspectos políticos sejam decididos por personagens políticos, a imprensa desempenha um papel muito importante nestes rumos, sendo que primeiramente ela busca influenciar a cabeça do seu leitor, principalmente aquele que não possui princípios políticos arraigados ou se considera desinteressado dos meios políticos, e é este leitor e também eleitor que estes periódicos buscam atrair, pois é mais influenciável em relação aos outros, onde muitas vezes jornais e revistas influenciam muito mais as mentalidades do que propriamente as ideologias políticas. Então, será que estes periódicos também não são partidos com meras ideologias políticas?

A sociedade é um reflexo da imprensa, principalmente no que tange estas gigantescas corporações midiáticas que possuem o controle ideológico, e é nisto que nos apegamos quando não possuímos opiniões formadas, onde muitas vezes o próprio ensino escolar está a mercê de professores ou gestores que levam tais preceitos das meras verdades ditas na televisão para dentro da sala de aula com fins educativos, como por exemplo a ideologia ocidental (democrática, liberal, laica), contra a ideologia oriental (religiosa, fanática, intolerante), etc.

Por mais que se busque a mera verdade e que existam jornalistas imparciais e corretos, eles estão a mercê dos grandes proprietários dos meios midiáticos, das grandes empresas e corporações que sustentam esta mídia escrita e falada, e que buscam colocar

como manchetes as de seu interesse, já que entendem que estes meios possuem uma abrangência muito maior nas mentes e no sentimento de seus leitores e telespectadores do que qualquer propriamente a classe política. Portanto, é um jogo de interesses o que está por trás destas meras verdades, sendo elas verdades ou não. Porém, estes relatos ficam para a história, e resta ao historiador analisar como se constroem estes fatos, qual a veracidade deles, e como podem ser utilizados.

Para De Luca²⁹, essa menor credibilidade que as fontes jornalísticas possuíam antes da segunda metade do século XX, explicita a pesquisa pela qual se escrevia muito mais sobre a história da imprensa, dos principais periódicos, seus fundadores, etc, e não sobre uma história por meio da imprensa, onde se investigam linhas de pensamento, anunciantes, e objetivos pelos quais estes periódicos tem em publicar tal matéria em detrimento de outra. Isto acabou gerando uma série de controvérsias para o uso destas fontes como objetos de pesquisa, já que eram vistas como fontes com menor credibilidade se comparadas a outras mais fidedignas aos acontecimentos e menos tendenciosas.

De Luca³⁰ também diz que com novas propostas de pesquisa como sexo, gênero, esportes, cotidiano, vários novos elementos foram incorporados as fontes de pesquisa, e junto com estes, as fontes jornalísticas que possuem material muito denso acerca destas temáticas começaram a serem usados na pesquisa, utilizando é claro, critérios de análise.

Em relação a escrita da história política por meio dos periódicos, um ponto extremamente importante além de todos já citados anteriormente, é a pressão pela qual o governo coloca nos meios de comunicação, estando muitos meios a mercê do governo, apoiando-o em todas as suas decisões, com medo de represálias, censura, perda de direitos, etc, ou em outros casos, atacando-o com unhas e dentes, tendo como exemplo jornais com viés partidário, tanto de esquerda, quanto de direita, que veem um governo opositorista como terrível, falando mal de todas as decisões tomadas por ele, não importando se são benéficas ou nocivas para os rumos da nação.

Este ceticismo em relação aos periódicos como fonte de pesquisa se entende também por este mover paixões, ideias, sentimentos, e claro, visões políticas, sendo visto como uma fonte sem credibilidade em prol de outras com maior credibilidade, visto também como uma fonte secundária, complementar a outras, servindo apenas para confirmar hipóteses já levantadas em outros tipos de fontes.

A imprensa começa a ganhar credibilidade como objeto de estudo a partir da segunda metade do século XX no Brasil, onde podemos ter como exemplo a história do movimento operário brasileiro nos jornais e periódicos que circulavam defendendo a

causa, e claro, jornais e revistas com cunho mais conservador que atacavam esses movimentos.

Mesmo que houvesse uma boa circulação de periódicos, o Brasil nutria durante a primeira metade do século XX uma alta taxa de analfabetismo, onde até hoje podemos notar que o país ainda não conseguiu erradicar de fato estes dados. Na época pela qual estamos falando, haviam muitos periódicos que circulavam principalmente nas grandes metrópoles, que poderiam ser meros informativos das manchetes locais, até grandes emaranhados de classificados e páginas publicitárias, e claro, haviam periódicos com ideologias e interesses por trás deles, tanto com viés político, quanto social, porém tudo isso estava a mercê das altas taxas de analfabetismo que rondavam o país, e se há analfabetos, não há público leitor. Então, havia uma definição muito clara de público-alvo, onde muitas vezes ter mais renda, condições melhores para se estudar, ter uma família melhor estruturada para conseguir ter êxito em uma carreira escolar e universitária, eram pilares deste fenômeno da circulação destes periódicos que tinham este tipo de público como alvo.

A partir do momento em que a publicidade tornou-se a maior fonte de recursos das mídias escritas, estas ficaram fadadas aos pontos de vista destes anunciantes, já que se os contrariassem perderiam anunciantes, e conseqüentemente fontes de renda. Este é um dos pontos pelos quais devemos ter cuidado quando analisamos periódicos em uma pesquisa. A própria evolução da mídia impressa e da mídia falada trouxe novos conceitos aos modos de fazer publicidade, com novos estilos gráficos, páginas inteiras coloridas de marcas publicitárias, comerciais com pessoas famosas, altos investimentos nesta área, enfim, a publicidade passou a tomar nova forma, e a partir deste momento os meios de comunicação passaram a ter uma dependência ainda maior destes anunciantes, já que nenhuma rádio, emissora de TV, revista ou jornal sobrevive sem seus anunciantes, pois são a principal fonte de recursos destes meios. Aspectos fotográficos e ilustrativos passaram a ser incorporados nestes mídias impressas para agradar seus anunciantes publicitários, necessitando cada vez mais capacitar seus funcionários para trabalharem nestas áreas, já que a publicidade é a alma e o "ganha pão" da imprensa, principalmente destas rádios menores que dependem única e exclusivamente de anúncios.

"Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê". (DE LUCA, 2008. p.132.)³¹.

Podemos notar também que conforme os anúncios publicitários, a diagramação das páginas, seu estilo mais informal, com mais imagens e menos leituras carregadas, tendem

a atrair mais leitores para o periódico, já que na cabeça deles, quanto mais assinantes o jornal ou a revista possui, maior é sua credibilidade dentre os meios de comunicação. Com a televisão não é diferente, o canal que possui mais audiência possui mais credibilidade perante seus telespectadores. Portanto, o estilo das páginas, o trabalho de escrita, de aliar imagens aos textos, de trazer novos conceitos aos periódicos, na maioria das vezes tem como consequência o crescimento no número de assinantes, já que estes por possuírem mais credibilidade, sabem muito bem quais demandas o mercado informativo necessita, e são essas demandas que devem ser supridas.

Conforme a taxa de analfabetismo foi diminuindo, notou-se também que os periódicos passaram a investir mais na circulação e divulgação dos mesmos, onde que agora não somente as classes mais abastadas eram vistas como público-alvo, mas a classe média também. A busca pelo lucro foi aumentando cada vez mais, sendo que a profissionalização da imprensa tomou o mesmo caminho, dotada agora de um ou mais responsáveis para cada pequeno setor, tornando muitos grupos de comunicações verdadeiros monopólios que absorvem um avassalador contingente de emissoras e jornais, todos subordinados a um pequeno grupo de donos, com inúmeros interesses por trás deles, seja de anunciantes, seja deles mesmos.

Este investimento que os meios de comunicação fizeram também trouxeram consigo uma maior credibilidade da imprensa, agora vista como imparcial, dona dos fatos, dona de verdades absolutas, e é a partir desta credibilidade que se estrutura uma doutrinação própria, um modo de ver o mundo baseado na propaganda maciça, com ideais claros de convencer as massas.

Uma esmiuçada análise de discurso se faz necessária a partir destas novas temáticas que a imprensa escrita trouxe a nós, sendo vista como uma força capaz de modificar os acontecimentos políticos e sociais da nação, como uma força capaz de construir e desconstruir personagens, tornando a tarefa do pesquisador ainda mais difícil ao analisar tais fontes.

Ao trabalhar com fontes jornalísticas, deve-se ter em mente o por quê tal notícia tornou-se manchete da capa, com grande ênfase e páginas dedicadas a ela em detrimento de outra que teve um pequeno texto de um ou dois parágrafos. Há de se ter uma boa ideia de quais os perfis dos redatores, editores, diretores, e de quem decide o que se publica e o que não se publica, já que todos os textos passam por uma pré aprovação, não sendo nada publicado antes de uma boa análise dos editores chefe e dos donos destes meios de comunicação, baseados é claro em seus pontos de vista e no que apoiam, principalmente por causa de seus principais anunciantes publicitários.

Por mais que ter acesso a notícias seja algo de utilidade pública, é também algo movido por paixões, ideologias, e por uma hierarquia, onde quem possui mais poder dentro destes meios decide os rumos pelos quais estes periódicos irão seguir, sendo que tudo se baseará através dos pilares ideológicos pelos quais estes meios de comunicação estão inseridos, onde “tudo se resolve nos bastidores”.

3 CONSTRUINDO E DESCONSTRUINDO FERNANDO COLLOR DE MELLO: COMO A REVISTA VEJA SE PORTOU DIANTE DESTES QUADRO POLÍTICO (1989-1992)

3.1 A REVISTA VEJA E SUA LINHA EDITORIAL E POLÍTICA

Em relação as linhas ideológicas deste periódico, podemos destacar em Veja seu editorial, composto na grande maioria das vezes por ideologias políticas, por posições que buscam mostrar qual a visão da revista em relação aos aspectos políticos e econômicos. Muitas vezes, estes editoriais são escritos por editores chefes, ou até quem sabe pelos donos da revista (Editora Abril). Seu espaço está sempre nas primeiras páginas, perto do sumário, para o leitor ao saber o conteúdo da revista, ler o editorial, sendo este editorial algo claramente dirigido para seu público-alvo e para seus principais colaboradores, que no geral são os mais interessados no conteúdo destes escritos.

O ex-editor de Veja, Carmo Chagas, afirmou que: "são pouquíssimos os leitores de editoriais, mas aprendi que eles são escritos exatamente para esses pouquíssimos leitores. Os empresários mais sólidos, os políticos mais perspicazes, os economistas mais consistentes, os intelectuais mais atentos constituem a elite interessada na opinião que aparece todo dia na imprensa". A diferença dos leitores, segundo ele, se daria assim: "a massa de leitores vai atrás das manchetes, das notícias mais quentes de cada dia. Atiram-se com sede à informação. A elite vai atrás das páginas de opinião com a mesma sede". (SILVA, 2005. p. 83)³².

O principal tema da revista Veja sempre foi a política, sendo este seu principal pilar e também de seus anunciantes, que veem na revista seu principal porta-voz para as mudanças que querem ver no cenário nacional, principalmente política e economicamente.

Por ter a política como principal pilar, os leitores da revista veem que lá estão contidos inúmeros especialistas no assunto, já que os mesmos ficam quase todo o tempo conectados com este cenário, observando estes repórteres, redatores, editores como donos da verdade, pois são vistos como estudiosos da política, muitas vezes com mais credibilidade até do que os cientistas e historiadores políticos.

Ao realizar uma observação do cenário político, os editores estão colocando seu ponto de vista perante as decisões tomadas nas esferas, e mais ainda, ao atacar o governo e criticar algumas medidas, estão também dando sugestões diferentes daquelas tomadas nas esferas executiva e legislativa, e também estão colocando novas pautas na cabeça dos leitores e da população conforme sua receptividade vai se acumulando,

buscando trazer também novos adeptos as suas reivindicações, formando uma nova massa de seguidores de suas ideias. Portanto, a imprensa além de informar, é um formador e fomentador de opiniões, e quando diverge de certos conceitos políticos, ela tende a formar uma nova classe política com novas ideologias.

A ideologia liberal é a principal defendida por *Veja*, atacando movimentos sociais, greves, etc, tentando mostrar ao seu leitor que de fato a ideologia liberal é melhor que todas as outras, com conceitos claros de hierarquia empresarial, empreendedorismo, liberalismo, fortalecimento das grandes empresas, investimentos de capital externo, abertura econômica, etc. Qual tipo de ideologia a revista iria defender, se seu sustento vem destas grandes empresas? Ao contrário do que muitos pensam, não são as assinaturas dos jornais e revistas que formam a principal fonte de recursos dos periódicos, e sim seus anunciantes, aos quais estes dependem e muito para conseguirem circular em todo território, pois sem eles, não há um " pilar " de sobrevivência para suas ideias liberais.

Para isso se coloca como defensora de uma "missão" e de uma dada "responsabilidade"; se atribui a função de "vigilante"; se coloca como portadora da "verdade". É sob essas bases que se coloca a revista *Veja*, ocultando sua ação concreta partidária. (SILVA, 2005. p. 90)³³.

A criação de *Veja* como sujeito é uma construção palpada no seu dia a dia, onde cada vez mais ela busca novos adeptos de suas causas, muito mais do que assinantes, *Veja* busca mais e mais pessoas que absorvam seus discursos e os tornem corriqueiros na realidade a qual está inserida. Seus editoriais não são assinados por pessoas físicas, e sim pelo grupo *Veja*, pela Editora Abril, pela pessoa jurídica na qual ela se coloca como sujeito, dando a entender que esta não a visão de um jornalista que escreveu o editorial, mas sim de um grupo todo que concorda e trabalha em prol deles.

O próprio caráter semanal da revista traz uma visão pela qual ela se vê como algo mais requintado, com uma visão mais aguçada acerca dos fatos pelos quais ela descreve e os tem como manchetes, por também possuir uma semana para publicar a revista, se vê como melhor elaborada pelo tempo que se leva para absorver as notícias, contá-las e manipulá-las, ao contrário dos periódicos diários que não possuem tempo hábil para fazer matérias mais bem elaboradas com cunho investigativo, e é neste ponto que *Veja* se vê com mais credibilidade ainda perante outros impressos em circulação.

A própria linguagem utilizada pela revista está cada vez mais simplificada, buscando atingir cada vez mais a classe média brasileira em prol de seus ideais liberais, com notícias muito pautadas no cotidiano político, sendo vista como porta-voz do Congresso, como alguém que cobra dos políticos uma posição firme acerca das demandas nacionais, também vista como o periódico que está ao lado do povo brasileiro, que luta ao lado dele em busca de dias melhores, e sendo assim, possuindo tamanha credibilidade, anunciante e linguagem mais simples, como não assinar um periódico que é tudo o que o povo brasileiro quer ver em uma revista?

Este projeto político de Veja busca se alicerçar através do apoio de seus assinantes, que muitas vezes leem a revista e não fazem uma crítica a estes discursos, apenas os absorvem pela credibilidade que o periódico possui na sociedade, e são estas facetas pelas quais a revista se ampara para não somente conquistar mais assinantes, mas também conquistar novos adeptos a seus projetos sociais e políticos. No caso Collor especificamente, estamos falando de um presidente construído através da revista Veja e de outros meios de comunicação para trabalhar em prol de um projeto político apoiado pelos grandes empresários do país, em um contexto de hiperinflação, grave crise econômica, governo em frangalhos, e é neste panorama que surge a figura de Fernando Collor que será trabalhada nas seguintes páginas. Ademais, Veja se vê como porta-voz do Congresso para com a sociedade brasileira, cobrando os políticos quando suas ideias se conflitam com as deles, e a recíproca é verdadeira quando estamos falando apenas de uma absorção de discursos políticos do periódico sem uma análise sequer do leitor, que não tem tempo para avaliar tais conjunturas, pois passa o dia todo trabalhando, estudando, sustentando sua família, buscando cada dia o melhor para sua sobrevivência, apenas tendo tempo para assimilar os discursos e reproduzi-los.

3.2 ANÁLISE DO DISCURSO DE VEJA NA CONSTRUÇÃO E DESCONSTRUÇÃO DE FERNANDO COLLOR (1989-1992)

Vamos abordar a partir de agora a análise do discurso do periódico em questão (Revista Veja) no caso de Fernando Collor de Mello, analisando principalmente a mudança de discurso da revista em relação a seu ponto de vista político, levando em conta o ano das eleições de 1989 até o ano da cassação de Collor em 1992. A análise será mensal, onde cada mês de publicação possuirá uma análise mais aguçada, exceto em casos onde questões mais importantes vem à pauta.

A primeira edição que cita Collor no ano de 1989, o ano das eleições, é a de número 1065, publicada em fevereiro, em que o tema principal é o enxugamento da máquina pública, principalmente levando em conta o período de grave crise econômica e recessão pela qual o país passava durante o governo Sarney³⁴, sendo que o periódico traz a notícia de que o então estado de Alagoas governado por Fernando Collor estava demitindo funcionários, principalmente aqueles com vencimentos maiores e com muitos anos de serviço, cortando salários e custos, dando a esta política o nome de "guerra aos marajás"³⁵, e dizendo que esta demissão de funcionários públicos não é algo de natureza difícil, apenas algo de vontade política, trazendo consigo um novo panorama, de que o enxugamento da máquina pública era viável da forma como Fernando Collor estava realizando em Alagoas.

Em março, Veja faz um panorama parecido ao que havia trazido anteriormente, porém agora a própria popularidade de Collor havia aumentado entre os governadores da região Nordeste, sendo a política de demissões e cortes de custos a principal causa deste fenômeno, e sua projeção dentro de um periódico de distribuição nacional. A Revista fala em "sensibilidade para atacar o ponto certo", sendo sua visão parecida com a do então governador alagoano.

Em abril, a figura de Collor é mais citada do que antes, principalmente graças ao aumento de sua popularidade nas pesquisas de intenções de voto, a frente de grandes nomes da política brasileira, como Mário Covas e Ulysses Guimarães, e para o periódico, sua política de "caçar os marajás" foi o que alavancou sua popularidade, mas é claro que a própria divulgação disso para seus leitores e eleitores é um fator preponderante neste processo.

Ao final do mês, Veja divulga uma pesquisa de intenções de voto, onde o crescimento de Collor é assombroso, ele já está na dianteira, mesmo vindo de um partido pequeno (PRN) e do segundo menor estado do país em questão populacional, porém sua imagem está cada vez melhor perante o eleitor brasileiro, e o contexto econômico e político do país, aliado com sua política de enxugamento fiscal, são os principais alicerces para esta ascensão desmedida, estando também sua própria imagem totalmente desligada a da imagem de velhos políticos e de velhas políticas.

No mês de maio, a primeira de muitas capas de Collor no periódico. Com o título, "quem é, o que quer e por que está agitando a sucessão", Veja fala inicialmente na oficialização da candidatura do agora ex-governador de Alagoas que havia renunciado ao seu cargo para candidatar-se a presidência da República. O título "o astro da largada" na edição 1079, continua construindo sua imagem através de sua política de enxugamento fiscal e demissão de funcionários, além de sua clara oposição ao governo Sarney, já que para a população, políticos como Sarney eram cada vez mais impopulares e ultrapassados. Há ainda entrevistas com alguns de seus eleitores, trazendo os motivos pelos quais votariam em Collor, e um gráfico que mostra a assustadora ascensão de dele em três meses, saindo de 5% para 32% das intenções de voto. Porém o que mais assusta, é que a primeira notícia acerca do personagem foi em fevereiro de 1989, exatamente três meses antes desta edição que traz Collor com 32% nas pesquisas, disparado a frente de Lula e de Brizola, seus principais concorrentes.

A edição 1081, última de maio, traz um subtítulo falando sobre "o marajá dos índices", relacionando sua política de caçador de marajás para com sua assustadora ascensão nos índices de intenções de voto, concretizando de fato o processo de construção e crescimento cada vez maior do candidato e personagem central deste trabalho.

Em junho, Veja continua na mesma linha utilizada no mês anterior, destacando a ascensão deste novo fenômeno chamado Fernando Collor, mostrando também uma imagem do então futuro candidato a presidente praticando natação, abordando seu lado esportista, atlético, como mostra a edição 1084 de 21 de junho, com o título "braçadas tranquilas", demonstrando que o então futuro candidato estava muito acima dos demais no quesito intenções de voto, além de continuar mostrando justificativas dos eleitores de Collor sobre o por que votar nele, enquanto que para os outros candidatos bem cotados,

como Lula e Brizola, as abordagens são diferentes. Com Lula, citam seus erros de português, sua carreira no movimento sindical. Já para Brizola, fala-se apenas que ele está devagar, não está ainda saindo em campanha pelo país como seus dois principais adversários, o que torna seu cenário desfavorável em relação aos outros favoritos.

No mês seguinte (julho), as viagens de Collor a Europa são muito enfatizadas, principalmente sua visita ao então papa João Paulo II³⁶, a chefes de estado, principalmente franceses e britânicos, além dos soviéticos. Em um dos trechos, Veja afirma que as excursões de Collor ainda pré candidato a Europa foram muito mais vantajosas e atrativas para a política externa brasileira do que propriamente as visitas realizadas pelo então chefe de estado brasileiro José Sarney.

Ao final do mês, na edição 1088, a revista divulga uma pesquisa na qual identifica os principais motivos que levam o eleitor a votar em Collor, principalmente por ele ser jovem e "acabar com as mordomias", onde a maioria da população confia na honestidade de seu candidato a presidente, porém sua ascensão meteórica havia se estagnado neste tempo, mas a diferença para seus adversários pouco se alterou.

O foco em agosto são as articulações de Collor para com aliados, rascunho de equipe de governo, movimentações nos bastidores, as adesões que vão se costurando, as conjunturas que vão se construindo conforme sua imagem vai se consolidando no imaginário de seus eleitores, além de sua imagem pessoal que vai se construindo a partir de então, graças a uma massiva publicidade que o assessorava.

Na edição 1092 de 16 de agosto, uma passagem muito chamativa acontece. Veja realiza uma cobertura acerca de um ato violento ocorrido entre apoiadores de Brizola para com Collor e sua comitiva. O posicionamento da revista é muito claro a favor de Collor, onde na "Carta ao Leitor"³⁷, fala-se em "fascismo e pedras na cabeça", onde a imagem de Brizola é vista como a de alguém intransigente, que não aceita ter um adversário quando a questão é política, e que a construção de sua candidatura ocorre através de gangues montadas nos porões de sua candidatura, e ao final chama sua candidatura de fascista, o que de fato demonstra qual lado foi escolhido neste pleito.

A edição 1095 de 6 de setembro, traz um panorama parecido com o trazido na edição 1092, onde guarda costas de Collor agrediram jornalistas no Recife, porém nesta cobertura o periódico se mostra imparcial, diferente do modo como agiu em relação a

Brizola anteriormente, há aqui apenas a cobertura dos acontecimentos meramente. No caso de Brizola, seis páginas são dedicadas ao acontecimento, no caso de Collor, apenas uma página e meia.

Outro foco deste mês, além das pesquisas eleitorais, foi o início da propaganda política obrigatória nos meios de comunicação. Os debates seriam uma das formas de barrar o crescimento de Collor e equilibrar melhor a disputa. Na última edição mensal, datada de 27 de setembro, há a descrição de um panorama diferente do apresentado até então, que seria a estagnação das intenções de voto de Fernando Collor e o crescimento de outros candidatos.

No início do mês de outubro, esta perda de status de Collor também é noticiada na primeira edição mensal, dia 4. Se antes Collor estava estagnado com o mesmo número de votos, agora ele havia perdido pontos percentuais e consequentemente eleitores. Na edição 1100 do dia 11 de outubro, a carta ao leitor apresenta um texto editorial de Veja, em que ela afirma não estar ajudando e nem atrapalhando nenhum candidato, apenas informando o leitor e eleitor acerca dos candidatos a presidência, porém o motivo é claro do por que desta coluna, que é a própria acusação de alguns leitores dirigidos ao periódico em relação ao favorecimento de algum candidato em detrimento de outro, pois muitos leitores acusaram a revista de estar favorecendo Collor, e Veja tenta desmentir qualquer hipótese acerca de sua parcialidade em relação ao ex-governador alagoano.

Ao final do mês, Veja traz uma reportagem sobre o crescimento de Collor agora junto a classe empresarial e também ao número de pessoas que compareciam aos comícios dos candidatos a presidente, que para a revista eram maiores do que os comícios das "Diretas Já"³⁸ ocorridos em 1983 e 1984.

Em novembro, o foco são as eleições ocorridas no dia 15, onde Collor é visto como "fenômeno" por sair de um partido pequeno e superar todos seus adversários nas pesquisas de intenções de voto, além de trazer na edição 1105 do dia 15 (dia das eleições), um pequeno editorial acerca da predileção do dono das Organizações Globo (Roberto Marinho³⁹) por Fernando Collor, em detrimento de um grande inimigo pessoal dele, Leonel Brizola que também concorria neste pleito. Na visão de Veja, a Rede Globo não elege candidatos, quem elege é o povo brasileiro. O que podemos notar acerca desta coluna, é uma pequena dose de reconhecimento de que a imprensa pode

sim influenciar o imaginário político brasileiro, principalmente durante os pleitos eleitorais, porém quando tal influência é questionada ou vem à tona, há uma certa dose de defesa de seus preceitos básicos por parte da imprensa, principalmente ao que concerne sua imparcialidade, além da defesa corporativista das mídias em prol de seus ideais, para que seus leitores e eleitores não venham a levantar hipóteses ou desconfianças sobre a credibilidade destas mídias.

No dia 22 de novembro, primeira publicação após o primeiro turno das eleições que colocariam Collor e Lula no segundo turno, o periódico traça um paralelo entre os dois candidatos, colocando Collor como alguém diplomado, com experiência política, pois já havia sido prefeito da capital alagoana e governador do estado de Alagoas, filho do ex-senador Arnon de Mello⁴⁰, de família tradicional, onde desde a oficialização de sua candidatura, toda a construção do personagem foi feita a partir da alcunha de um candidato diferenciado, da nova política brasileira, como o "maior fenômeno da história das eleições", possuindo uma personalidade mais jovial, esportista, um verdadeiro fenômeno, além da clara temeridade de Veja para com a ascensão de candidatos de esquerda como Lula e Brizola que se confrontavam para ver quem iria para o segundo turno com Collor, onde Lula acabou vencendo.

Lula é visto como diplomado de madureza ginásial, metalúrgico de carreira, sindicalista, jamais escondia seu viés esquerdista, e é neste aspecto a grande diferença da abordagem acerca de Lula para Collor.

Na última edição do mês de novembro, dia 29, há um confronto de ideias entre os dois candidatos que sobraram no pleito, onde a capa vem com o título "Lula e o capitalismo", onde as principais propostas econômicas do PT são esboçadas e refutadas por comentaristas e especialistas econômicos, sendo os assuntos tratados muito variados, como salário mínimo, dívida externa, reforma agrária, estatais, impostos, etc, porém as ideias econômicas de Collor não são esboçadas no periódico, e são elas que de fato irão mover as relações entre Veja e Collor no ano seguinte, o de 1990.

A edição 1109 do dia 13 de dezembro, traz um paralelo entre as ideias econômicas de Lula e de Collor, já que a economia seria o pilar de sustentação do próximo governo, que pegaria nas mãos um país economicamente em crise. A principal discrepância mostrada nos dois discursos e apoiada por Veja, é o programa estatal dos dois candidatos, onde Collor era a favor de um programa de privatizações e apoiado

pela revista neste quesito. Já Lula era visto como estatizador, queria recuperar o desempenho das empresas estatais em crise, sendo que isto era visto pela revista como tentar "querer proibir palavrões nos estádios de futebol", algo completamente utópico na visão do periódico. O congelamento dos preços também é um tema econômico tratado, onde o petista é a favor desta política em caso de disparo da inflação, tal como o então presidente José Sarney. Já Collor tenta desvincular totalmente sua imagem a respeito de qualquer ideia ou política de Sarney, sendo contrário aos congelamentos, e buscando reduzir a inflação a partir de cortes salariais, de cargos comissionados, e claro, "caçando marajás". Outro ponto tocado é a questão da dívida externa, onde Lula é visto como alguém que vai honrar seus compromissos apenas com entidades que oferecem créditos subsidiados, já Collor quer negociar cada item da dívida separado, onde a proposta do PT é vista como "calote" aos credores.

A Revista Veja não publicou sua edição semanal no dia 20 de dezembro, deixando para publicar sua edição no dia 24 de dezembro, num domingo, por causa das eleições. Esta edição trouxe como capa a vitória de Collor, chamando-o de "gigante das urnas". Logo após, a publicação traz alguns adjetivos sobre o novo presidente, como "tenso, vaidoso, supersticioso", além de carismático, por ter "encantado" mais de 35 milhões de eleitores e ser considerado um fenômeno, já que segundo a própria publicação, "saiu do nada" para conquistar o mais alto cargo político do país, porém é claro que sua construção como personagem e como candidato a presidência no decorrer do processo foi decisiva para alcançar tal êxito.

A publicação também faz uma descrição meticulosa de Collor, como se veste, o que gosta de comer, como se comporta, qual sua forma de governar (centralizada), seus casamentos, sua vida pessoal, suas superstições, que tipo de família possui, no caso uma família oligárquica do estado de Alagoas, descrição de sua esposa, os planos pessoais do casal, além de seus principais colaboradores durante as eleições que culminariam em sua vitória.

A última edição de 1989, publicada no dia 31 de dezembro, traz um panorama sobre a formação da nova equipe de governo de Collor, seus principais desafios, principalmente ao que concerne o combate a inflação e a recuperação da economia, panorama que seria traçado pela revista durante grande parte do ano que estava por vir, além de trazer uma coluna de Victor Civita⁴¹ (fundador da Editora Abril), fazendo uma

abordagem das mudanças ocorridas nos anos 80 que estavam se findando e trazendo novos paradigmas sobre o que seriam os anos 90, principalmente pelo fato do Brasil ter acabado com a ditadura militar, ter eleito seu primeiro presidente de forma direta após quase 30 anos, descrevendo a eleição de Collor como o "caminho da modernidade". Por fim, em uma análise de panorama dos anos 80, há a queda cada vez maior do comunismo soviético, algo que a revista se mostra favorável, chamando-o de "regime caquético", varrido para a "lata de lixo da história", mostrando um claro posicionamento político de *Veja*, alinhado é claro com seus principais anunciantes e também com o próprio presidente que apoiara durante as eleições de 1989.

O ano de 1990 inicia-se falando da montagem da equipe de governo do recém eleito presidente Fernando Collor, além de seus desafios, em grande escala econômicos. Um dos personagens centrais no periódico neste primeiro ano de mandato é a prima de Collor e Ministra da Economia Zélia Cardoso de Mello⁴², adquirindo algumas vezes maior protagonismo do que o próprio presidente. Na edição 1113 do dia 17 de janeiro, ela é chamada de "jovem e competente" pela publicação, e que a mesma estava preparando propostas econômicas para tirar o Brasil da crise na qual estava.

O "estilo" de Collor é bastante trabalhado nas primeiras publicações do ano de 1990, principalmente após a montagem de sua equipe de governo, centralizando é claro em Zélia todos os holofotes, principalmente por ser a única mulher no ministério e por assumir a pasta mais importante do governo e a que mais necessitaria de esforços durante o mandato para a reversão de um quadro desfavorável.

Outro fato importante são os encontros que Collor tem fora do Brasil com outros chefes de Estado para afinar suas relações internacionais, além de estreitar ainda mais suas relações com a imprensa. Em relação a Zélia, muitos leitores enviam cartas a revista mostrando confiança na economista.

Em fevereiro, a coluna "Brasil" que é a que trata de política, passa a dividir seu protagonismo com a coluna "Economia e Negócios", que trata principalmente da economia brasileira, do que deveria ser feito na opinião do periódico, e o que estava sendo feito para sanar os problemas encontrados, principalmente na questão da inflação, que um pouco antes de Collor assumir sua cadeira presidencial, beirava os 70% ao mês.

Com a inflação neste patamar, a própria carta ao leitor de 21 de fevereiro tenta acalmar os ânimos do mercado, apaziguar o clima de instabilidade que se aproximava, principalmente em relação aos investidores e a população em geral que estava sentindo-se insegura. Na mesma edição, Veja faz um balanço dos quadros econômicos aos quais o país encontrava-se, o que deveria ser feito, como fazer, e qual o resultado de tudo isso. Dentre as medidas encontradas pela revista, a privatização de uma estatal por mês, além da demissão de mais de 50 mil funcionários sem estabilidade.

Na edição seguinte, a última do mês de fevereiro, há uma manchete sobre as privatizações, e que a mesma estava empolgando o empresariado, além de uma outra manchete em que os ânimos se estabilizam um pouco conforme se aproximava a posse de Collor e de sua equipe econômica.

No mês de março, a carta ao leitor apresenta-se como uma defesa ao plano econômico de Collor e de Zélia, principalmente em relação as privatizações, demissões de funcionários públicos, atração de investimentos e abertura econômica, todos esses projetos defendidos por Veja. Outro fato que chama a atenção, é a indicação de Romeu Tuma⁴³ para a Secretaria da Receita Federal, que promete ir atrás dos sonegadores de impostos para recuperar um pouco a economia, onde para a publicação, Collor estava inaugurando a "gestão da polícia na economia".

Na primeira edição após a posse de Fernando Collor, publicada no dia 21 de março, o confisco é o tema central da publicação, onde na carta ao leitor fala-se em sacrifícios, fala-se em atingir as elites, em medidas necessárias para enfrentar o momento no qual o país estava passando no cenário econômico, chamando esta medida de "ambiciosa e drástica", além da abertura maior para importações, mas em nenhum momento a publicação mostra-se contrária as medidas, apenas afirma que são medidas radicais, porém não há nenhum tipo de ressalva em relação ao confisco, primeira medida do presidente ao assumir o executivo nacional.

Na última edição de março, dia 28, a carta ao leitor é muito clara ao dizer que por mais que essa decisão seja impopular, sem ela, a vida econômica do brasileiro estaria ainda pior, mesmo que todas as suas economias de sabe-se lá quanto tempo tivessem ido para o ralo literalmente. A visão de Veja é uma clara concordância com o governo, com uma política totalmente impopular, mas na visão dela necessária. Por mais que muitas pessoas tenham ido aos bancos tentar retirar o que pudesse de suas

economias, o periódico afirmava que mais de 80% da população aprovava o plano, porém se aprovava, por que as pessoas formaram filas intermináveis nos bancos para sacarem seu dinheiro afinal?

O mês de abril inicia-se falando sobre como o empresariado e a classe consumidora receberam o novo plano econômico, que além dos confiscos, substituía a moeda então vigente, o Cruzado Novo⁴⁴ por Cruzeiro⁴⁵, falando já com uma linguagem um pouco diferente da do mês anterior, porém não há nenhuma ressalva ao plano ainda neste momento, somente alguns problemas ocasionados pelo mesmo, como a fabricação de notas para serem colocadas no mercado, o pagamento dos salários, o câmbio flutuante e a instabilidade econômica, que fazia com que o empresariado não investisse na bolsa de valores, e o proletariado que não sabia se receberia seus salários, e de que forma os receberia.

A segunda publicação de abril fala abertamente na carta ao leitor sobre a questão de adaptação ao novo plano econômico, de que a maioria dos economistas acreditavam na consistência do plano, porém ele precisava ser abraçado pela população, e que o plano precisava de ajustes para funcionar, mas que em longo prazo seria extremamente benéfico para a sociedade brasileira. A mesma publicação mostra Collor andando de *jet ski*, voltando a mostrar seu lado esportista, porém claro que é um "tiro no pé" mostrar o presidente pedindo para a população se adaptar a um plano de cortes e de confiscos, enquanto o mesmo está na praia andando de *jet ski* e se divertindo. Outro cenário mostrado é a falta de dinheiro nos bancos, o que era ocasionado pela troca da moeda e pela fabricação de novas notas que não conseguiam suprir a demanda total necessária, o que fez o governo criar novas notas e colocá-las no mercado para evitar uma "depressão" econômica.

Ainda em abril, Veja faz uma coluna onde mostra as chances de morte de Fernando Collor em relação aos esportes radicais aos quais pratica, uma matéria totalmente desnecessária, mas com claro intuito de desviar o foco dos leitores. Nas páginas seguintes, a publicação mostra um quadro de demissões que o plano estava fazendo, uma grande recessão econômica que poderia vir a se tornar em depressão, e após em um colapso, porém ainda há inúmeras esperanças com o plano.

No dia 25, na última edição mensal de abril, a carta ao leitor é extremamente esperançosa em relação a economia, dizendo que as coisas estavam entrando no rumo

certo, principalmente em relação a inflação que estava em números baixíssimos após o plano de confisco, além da política de extinção de algumas estatais, projeto aprovado com veemência pela revista, além de enfatizar que o governo estava no caminho certo e deveria continuar seguindo assim. Por fim, há uma entrevista com a ministra da economia Zélia Cardoso de Mello, onde ela afirma que em três meses o país voltaria a normalidade social e econômica graças ao plano implementado na sua gestão e aprovado pelo Congresso neste momento.

O mês de maio inicia-se com massivas propagandas acerca do presidente, principalmente por causa de suas aparições praticando esportes e indo até ao supermercado, posturas que fogem ao "protocolo" de chefes de estado, porém há uma massiva propaganda em cima disso feita pelo periódico. Também há um editorial em que a mãe do presidente pede a ele que pratique menos estes esportes considerados perigosos e foque-se apenas nos problemas de seu governo. Há um direito de resposta feito pelo próprio Collor a sua mãe, em que ele afirma que sempre gostou de esportes radicais, e que as preocupações de sua mãe eram normais em uma relação familiar, tal qual é nas outras famílias. Os aspectos econômicos são debatidos neste mês a partir de uma perspectiva instável, de não saber se de fato as medidas econômicas irão emplacar ou não, porém o cenário trazido por Veja é o de cautela, já que o presidente estava demitindo inúmeros funcionários, buscando privatizar algumas empresas, fazer caixa e tirar o país da recessão econômica.

Ao final, há uma descrição de "trapalhadas" feitas pela equipe econômica, como por exemplo voltar atrás em relação a alguns decretos que não deram certo. A revista também parece dar um "ultimato" ao presidente para que suas medidas deixem de ser teóricas e tornem-se práticas, como por exemplo o enxugamento da máquina pública.

O mês de junho já possui um panorama diferente daqueles trazidos anteriormente. Há um tom de pessimismo em relação as medidas de Collor e de Zélia, principalmente em relação ao desemprego que estava ficando cada vez maior, a inflação que havia diminuído, mas agora estava aumentando novamente, chegando aos dois dígitos percentuais outra vez.

A derrota de uma medida provisória de Collor no STF (Supremo Tribunal Federal) que fazia com que o Tribunal Superior do Trabalho intervisse acerca dos aumentos concedidos a funcionários públicos também fez com que houvesse uma

mudança de estratégia. Agora os diálogos com representações sindicais e empresários aumentariam em busca de um grande acordo. A mudança de postura não é muito aprovada pela revista, muito pelo fato dos inúmeros decretos do presidente não terem surtido efeito, ter de voltar atrás nos planos econômicos e dialogar ainda mais, fazendo com que as mudanças fossem procrastinadas.

Na última publicação de junho, o tom de pessimismo é eminente. Fala-se em "fiasco", catástrofe, já que não há controle da inflação, o desemprego aumenta, e o enxugamento da máquina pública não é suficiente, pois os salários ainda eram altos e os serviços muito precários, principalmente nas áreas de educação e saúde, trazendo um panorama tão pessimista, que a publicação fala em um quadro de convulsão social e econômica que duraria até o final da década que estava apenas começando.

O mês de julho é de um retorno de esperanças na pasta econômica, fala-se agora em modernização industrial e abertura de mercado, importando mais produtos, além do descongelamento de preços, deixando o mercado agir mais livremente, porém os salários estavam se tornando cada vez mais defasados, já que a inflação não estava sendo controlada, exigindo do governo novas medidas.

Agosto é um mês confuso, de idas e vindas entre as publicações. De início, fala-se que a economia estava atravessando seu pior período na história brasileira, porém a prosperidade poderia voltar. Na segunda publicação há uma sabatina do FMI (Fundo Monetário Internacional), em que o mesmo afirma que o país estava com a inflação sob controle. Há aqui uma clara contradição da revista em dois momentos diferentes e em duas semanas subsequentes. A popularidade de Collor também é enfatizada, onde Veja afirma que o presidente perdeu apoio, porém ainda possui boa credibilidade com as classes média e alta, já com a população pobre sua queda foi abrupta. Fala-se também neste momento em um cenário de reeleições para Collor, porém sabemos que não é a hora e nem o momento de trazer um assunto desses em pauta, porém é claro que há o motivo de criar na população este dilema acerca de mais um mandato de Collor, principalmente para saber qual seria a receptividade dos eleitores em relação a estes fatos.

Em setembro, as pautas econômicas ficam um pouco de lado, e há propagandas acerca do cotidiano do presidente, em relação a sua vida pessoal, seus amigos íntimos, o círculo de pessoas que visitam sua residência, o que fazem, que atividades

desempenham, etc. Há apenas a cobertura de uma reunião de Collor com líderes da CUT (Central Única dos Trabalhadores), e a promessa do Brasil para com o FMI firmando seu compromisso de controlar a inflação e endurecer sua política de gastos.

Outubro não traz muitas coisas novas, apenas alguns escândalos do governo, como a demissão do Ministro da Justiça Bernardo Cabral, pelo fato de estar tendo um romance com a Ministra da Economia e prima de Collor, Zélia Cardoso de Mello. Uma das peças importantes nas publicações é a primeira citação que o periódico faz com relação a Paulo César Farias (PC Farias), um dos personagens centrais desta narrativa de construção e desconstrução do ex-presidente Collor, em um episódio de acusação do então companheiro de partido de Collor, Renan Calheiros⁴⁶, acusando-o de fraude e corrupção. Há uma entrevista com a primeira dama Rosane Collor, abordando a vida pessoal do casal, buscando construir uma empatia, uma aproximação entre os leitores e eleitores para com a família que detém o poder político no país. Em relação a pasta econômica, nada de novo, apenas o escândalo de bastidor que envolveu a Ministra da Economia e acabou resultando na demissão do Ministro da Justiça.

Novembro revela uma ruptura entre a classe empresarial para com o governo Collor. O plano econômico parece não engrenar, a inflação está beirando os 20%, seu maior número desde a posse. Os juros continuam altos e o presidente pede para que os empresários assumam os riscos da competitividade, baixem os preços e reduzam seus custos, causando insatisfação no meio. Muitos empresários já chamam o plano de desastroso, apontando consequências como hiperinflação, escassez de alimentos, desemprego, juros altos, etc.

Outra derrota de Collor acontece no meio político, onde os principais candidatos a governador apoiados por ele foram derrotados nas eleições, além do rompimento com o líder da bancada do PRN Renan Calheiros, acusando o presidente de traição, mais um duro golpe para Collor.

O mês de dezembro é um balanço geral do que foi o ano de 1990, onde fala-se muito em recessão, demissões em massa nas empresas, o PIB (Produto Interno Bruto) decrescendo cada vez mais, porém ainda há neste momento uma esperança na reversão deste quadro, pois ainda estampam-se matérias sobre assuntos pessoais do presidente Collor, assuntos com tiragens mais leves podemos dizer assim, do que meramente a luta contra a inflação. Há também a opinião de alguns empresários e economistas influentes

acerca do quadro econômico e do que esperar para o próximo ano, principalmente criticando um projeto do governo de indexar os salários a inflação, ou seja, o aumento de salários e de preços seria tabelado juntamente com a inflação, quadro este que deixa os empresários em um quadro de instabilidade plena, já que se a inflação não fosse controlada, nem salários e nem preços seriam, causando um quadro de intensas dúvidas no mercado, tanto para trabalhadores, quanto para empresários.

Ao final, há um panorama do que foi o ano de 1990, principalmente em relação ao confisco ocorrido no mês de março e suas consequências, como as demissões, a queda do PIB, a inflação incontrolável, porém tece elogios ao estilo de Zélia Cardoso de Mello em relação as suas posições manterem-se firmes em sua busca para controlar a inflação, mesmo não tendo conseguido êxito até então. A última coluna do ano é assinada por Roberto Civita⁴⁷, filho de Victor Civita, fundador da Editora Abril. Ele fala em caminhos a serem percorridos, em problemas a serem resolvidos, ainda creditando muitos sucessos do governo a Collor e alguns insucessos ao próprio mercado e a situação na qual o presidente assumiu seu gabinete. Há ainda neste momento confiança com o governo Collor e esperança de dias melhores a partir do próximo ano, o de 1991.

O ano de 1991, inicia-se com uma carta ao leitor um pouco diferente das habituais. Na primeira edição do ano, o periódico faz duras críticas ao governo, pelo fato de Collor não ter ainda iniciado um programa de abertura econômica, em tese privatizando empresas e tentando não controlar os preços ou os salários, deixando o mercado livre para o comércio e o suprimento de suas demandas essenciais. Neste momento, a inflação beirava os 20%, assim o governo instaura vários recursos regulatórios para as empresas, o que gera inúmeras críticas de Veja, chamando o governo de "goleiro e gândula", pois de início buscou a abertura da economia, mas neste momento estava tentando regular o comércio em prol da diminuição da inflação e corte de custos, sendo estas novas medidas atacadas pela revista.

No mesmo mês de janeiro, há uma coluna estampando o que alguns membros do alto escalão governamental fizeram durante a passagem de ano novo, onde Collor divertiu-se andando de *jet ski*, e Zélia de iate fazendo passeios, ilustrando é claro a diferença econômica abissal entre um alto escalão de governo para com a grande maioria da população, porém o periódico muitas vezes adentra em um campo parecido com revistas de fofocas e entretenimento, que não ajudam em nada a sanar os problemas

a sua volta. Há também neste mês uma publicação da revista inglesa *Sunday Times*⁴⁸, insinuando que o presidente havia consumido cocaína na sua juventude, resultando em um processo de Collor contra a revista e a retratação da mesma dias depois, porém é claro que sua imagem não saiu ileso neste episódio.

A última publicação do mês de janeiro traz um panorama de ruptura no governo, ou seja, o fim do Plano Collor e a busca por um novo caminho para superar a inflação que agora passava dos 20%. Há uma coluna de Elio Gaspari que se refere ao "fim do governo Collor", porém não é de fato sua saída do governo, mas sim a mudança de estratégia que ele adotaria a partir de agora graças as falhas de seu plano econômico.

Fevereiro inicia-se com a implantação do Plano Collor II, intitulado por Veja como o "último tiro de Zélia", era a última chance da então Ministra da Economia de mudar o panorama na visão da revista. Este novo plano trazia novas abordagens, como congelamento de preços, reajuste de salários conforme a inflação (25%), aumento de 60% no gás de cozinha, 45% na energia elétrica, aumento no preço dos aluguéis e mensalidades escolares conforme a inflação, etc. Neste momento, Veja mostra-se contrária a grande parte dessas medidas, pois eram muito parecidas com as do governo Sarney, na qual a revista mostrava-se contrariada, dando a entender que estas medidas tinham poucas chances de êxito, trazendo políticos, economistas e líderes sindicais para dar alicerce ao discurso de contrariedade ao plano, das consequências que poderiam ser desastrosas a partir disso, como por exemplo as greves dos trabalhadores e o aumento do desemprego, além de um quadro de recessão interminável.

A partir da metade de fevereiro, a revista retorna a falar de bastidores e das articulações políticas que ficaram muito aquém durante o ano de 1990, onde o foco foram os aspectos econômicos e a vida pessoal de Collor e sua família. Iniciam-se agora conversas entre o presidente e membros do Poder Legislativo buscando angariar apoio para com o novo plano econômico, porém o quadro é de aumento do desemprego, além de ataques do periódico sobre as formas do governo em tentar controlar a economia, onde na visão de Veja, o liberalismo econômico é a melhor forma de sair da crise, porém não dá uma "receita" para o fim da crise, apenas aponta os erros econômicos da gestão Collor, como por exemplo o congelamento de preços, aumento de salários, aumento da energia elétrica, derivados de petróleo e aluguéis, além é claro do custo de

vida médio do brasileiro, que estampava ainda mais a diferença entre o brasileiro empregado e o desempregado.

No terceiro mês de 1991, Veja traça um panorama deste primeiro ano de governo Collor, descrevendo-o como um ano de "ilusões perdidas", onde a inflação é alta, sua popularidade é baixa, e as expectativas criadas durante a campanha não se concretizaram, trazendo consigo um cenário de incertezas no imaginário do brasileiro, principalmente após insinuar que o governo "havia acabado", que atravessaria um novo caminho, uma nova passagem, porém sem saber quais as consequências deste tipo de decisão.

O novo plano agora traçado é visto pela revista com a alcunha de "Projetão", pois abarca várias áreas como educação, habitação, aposentadoria, exportação, reforma agrária, agricultura, etc. Todos planos com o intuito de melhorar a economia e derrotar a inflação e a recessão, sendo agora um plano aprovado pela revista, que trás consigo um velho ditado, "antes tarde do que nunca". Para Veja, era um plano tão bem visto quanto o Plano Collor I do confisco.

Abril começa abordando as falhas do governo em relação a sua principal promessa de campanha, a de "caçar os marajás", principalmente graças ao rombo nas contas da Previdência Social que pagava salários pequenos a grande maioria dos aposentados que sequer chegavam a receber um salário mínimo, onde a revista denuncia os desvios ocorridos no fundo de pensão e o "bolso dos marajás" engordando com tais práticas.

Outra pauta abordada, claro, é a economia, sendo que neste momento o governo afirma que vai combater a inflação gradualmente, e pede que empresários evitem dar aumento de salários por causa da recessão. Também há o desbloqueio do confisco, e agora as pessoas fazem filas nos bancos na tentativa de retirar suas economias, porém a promessa do acúmulo desse dinheiro e dos juros da poupança não foram cumpridas, principalmente em relação a desvalorização de suas economias, a inflação e ao dinheiro parado, que evitava com que este movimentasse a economia, causando muitos processos judiciais ao governo e conseqüentemente uma queda ainda maior na popularidade do mesmo, já que tal medida realizada ainda nos primeiros dias de governo mostrou-se extremamente impopular, porém foi chancelada por Veja, embora a publicação diga agora dizer que é um direito do brasileiro ir a Justiça buscar o que lhe é de próprio,

apesar de ver tal medida como necessária naquele momento. Outro fato a ser ressaltado, é uma maior abertura econômica, facilitando a compra de moedas internacionais, principalmente dólares e liberando o cartão internacional para uso no exterior.

Maio é um mês decisivo na questão econômica do governo Collor. Primeiramente pelo fato de boa parte dos brasileiros terem ido a Justiça para reaver seu dinheiro confiscado em março de 1990, trazendo uma tônica de que naquele momento a população não confiava mais em seu presidente, e que a esfera judicial seria uma via na qual a população poderia recorrer neste caso. O desemprego aumenta cada vez mais, a inflação continua difícil de ser controlada, e as indústrias passam a produzir em escala menor.

A saída de Zélia Cardoso de Mello do Ministério da Economia é a grande pauta, a grande novidade deste mês de maio, quem sabe até do ano de 1991. Ela que foi a personagem central das manchetes de *Veja* no ano anterior junto com o presidente, agora estava saindo de cena. O colunista da revista Elio Gaspari, mostra-se contrariado com a saída de Zélia, porém afirma que ela saiu por suas virtudes, e não por incompetência, que somente os "pelego-empresários" gostaram dessa notícia. Outro fato a ser ressaltado é o discurso da revista neste episódio, mostrando que o novo Ministro da Economia Marcílio Marques Moreira,⁴⁹ deveria continuar com as bases de Zélia, ou seja, de onde Zélia parou, buscando demonstrar uma face de uma ex-ministra corajosa, que fez algo de novo, diferente de tudo que já havia sido feito, porém havia sucumbido às pressões que tal cargo exerce, mostrando uma personalidade de "pulso firme e coração frágil" segundo a publicação.

Ao final de maio, há um cenário de alento na economia, porém a publicação questiona se o país havia chegado ao fundo do poço, e se agora a tendência seria a ascensão econômica. Há também um ataque a Collor, primeiramente por realizar um encontro com o rei espanhol ostentando inúmeras medalhas no peito, o que parece inadequado estilisticamente para *Veja*. Outro ataque acontece na esfera política, quando Collor contrata uma pessoa para cuidar de sua imagem, o nome dela é Belissa Ribeiro⁵⁰, vista por *Veja* como uma "megamarajá", contrapondo o discurso inicial de Collor de combate aos marajás, sendo uma postura desaprovada pela publicação.

Em junho, o foco são as privatizações, algo defendido veementemente desde o início, e que agora somente começa a se desenhar um projeto para esse intuito, sendo

que para Veja, já estava na hora desse processo se iniciar. Há também uma sátira de Jô Soares para com a visita de Collor a Espanha, onde ele estava com sua vestimenta recheada de medalhas. O ponto alto das publicações do mês é a visita do presidente aos Estados Unidos, buscando estabelecer relações econômicas e diplomáticas para com o então presidente *George Bush*⁵¹. A primeira expectativa de Veja é que a viagem não seja agradável ao presidente, já que suas tentativas de estabilizar a economia até o momento não haviam tido êxito, porém ao final, Veja chama sua visita de a "mais bem sucedida" de seu governo, estreitando as relações entre Estados Unidos e Brasil. Em relação a economia, a revista apenas traz um cenário de estabilidade, que a economia havia parado de piorar, porém não emitia sinais de melhora, apenas estabilizava.

Em julho, a revista dá ênfase a "República de Alagoas", dando esse nome pelo fato de que na terra de Collor a prosperidade continuava apesar da recessão, principalmente em relação aos empresários amigos e colaboradores do presidente e seus correligionários, que investiam principalmente em imóveis, e as obras que estavam sendo feitas no estado, principalmente na capital, como de urbanização, construção de hospitais e reformas, como no aeroporto, fazendo um contraponto a realidade brasileira daquele momento de enxugamento e recessão.

Em relação ao novo Ministro da Economia Marcílio Moreira, a publicação o descreve como "quietão", diferente de sua antecessora Zélia que era vista como "explosiva", porém na visão da revista, ele causa dúvidas no empresariado pelo fato de não possuir uma "receita" para combater a inflação, não possuir um plano econômico tal como sua antecessora tinha, mas que fracassou. Este quadro de dúvidas acaba por gerar uma instabilidade no mercado, e o discurso de Veja é igual ao do empresariado, a espera de um plano que ajude a combater a inflação e a recessão.

A revista volta a falar sobre a vida pessoal de Collor, onde que em uma coluna o descreve como "irritado e cansado", muito pelo fato de seu governo não estar com boa popularidade, e também pelo fato de seus planos não estarem tendo o resultado que ele esperava. Em um comentário, sua mãe (Leda Collor) afirma que ele está abatido e que havia envelhecido muito seu aspecto após iniciar seu mandato presidencial. Por fim, há uma visita do FMI ao Brasil, que exige que o mercado se abra e que o governo controle menos a economia, posição é claro também defendida por Veja.

Agosto não é um mês com muito foco em questões econômicas, há apenas uma manchete que aborda uma nova liberação dos valores confiscados das poupanças em março de 1990. O foco neste mês por incrível que pareça, é uma crise conjugal entre o presidente e a primeira dama Rosane Collor, pois o presidente havia feito uma aparição pública sem aliança, o que claro causa muitos rumores acerca de uma crise conjugal entre ambos. Este fato coincide também nas publicações de agosto, com a saída da primeira dama do comando da LBA (Legião Brasileira de Assistência).

Em setembro há uma continuação dos fatos narrados em agosto, sendo o principal tema o escândalo da LBA envolvendo a esposa do presidente. Segundo a publicação, a primeira dama estava sendo acusada de corrupção em virtude de empregar muitos parentes na fundação e desviar parte das verbas destinadas a caridade. Há também uma charge representando a primeira dama vestida de presidiária, com os dizeres "LBA 1991". Na pasta econômica, os juros estão batendo a casa dos 800%, e as ações nas bolsas de valores decaindo de forma acelerada, causando histeria no mercado.

O mês também fica marcado por uma coluna da revista em que a mesma afirma que se as coisas continuarem do jeito que estão, o único caminho é o "fundo do poço". Esta é a primeira vez que o periódico trata o governo com este tipo de nomenclatura, porém ainda não houve aquela ruptura que causou a derrocada política e pessoal de Collor, mas está se desenhando gradativamente.

O cenário econômico em vigência parecia naquele momento se desenhar a partir de perspectivas muito piores sobre o que poderia ser o próximo ano, onde Veja consultou economistas e empresários, e os mesmos disseram que o ano de 1992 poderia ser pior do que todos os outros economicamente.

No dia 18 de outubro, o discurso já é um pouco diferente. Na carta ao leitor há uma premissa de melhoras em relação a crise, que já não era só econômica neste momento, questões políticas também estavam desacreditando o mandato de Collor e fazendo com que cada vez mais brasileiros não confiassem em seu presidente. O tema da carta ao leitor é simples, é ancorado pela busca de um entendimento entre governo e leitores/eleitores, trazendo o panorama que a população já estava cansada de saber, de que a economia não estava funcionando como deveria, que o governo não conseguiu cumprir sua meta traçada lá em 1990, etc. Porém agora o discurso é pautado em uma esperança de melhorias, de que as instituições democráticas do país estavam cada vez

mais consolidadas, e que o básico que a população necessitava estava sendo provido, que não haviam mais filas de "esfomeados pelas ruas" como antigamente, pois os salários estavam sendo pagos e as empresas estavam funcionando. O discurso é de alento, fala-se também em mais um recomeço, tal como aconteceu na mudança de plano econômico (Collor I para Collor II), com a troca no Ministro da Economia, e agora novamente o mesmo discurso. Porém neste momento, denúncias de corrupção começaram a atingir a primeira dama, além do empresário e grande amigo de Collor, o alagoano Paulo César Farias, o PC Farias, personagem central da trama que vai se desenhar a partir de 1992, quando da derrocada final de Fernando Collor.

Na última edição do mês de setembro, datada do dia 25, a carta ao leitor fala em privatização das empresas estatais, que somente agora o governo iria vender a Usiminas (Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A) para a iniciativa privada, e traz vários argumentos a favor deste programa, como por exemplo o enxugamento da máquina pública, a abertura de capital e concorrência, além de menos ônus para o Estado. Na última página, há o depoimento de um estudante que afirma ter feito campanha para Collor, ter sonhado com um Brasil melhor, mas que agora estava arrependido de tudo que fez, pois era contrário a grande maioria de ideias colocadas em prática pelo governo e pelos casos de corrupção que envolviam Collor e seus partidários.

O décimo mês de 1991 retrata primeiramente a questão da privatização da Usiminas, onde houveram muitas badernas, culminando com o cancelamento do leilão da empresa, principalmente por membros sindicalistas, o que causou enorme revolta da revista, que tentou explicar com exemplos, como do governo de *Margaret Thatcher* no Reino Unido e o de *Gorbachev* na União Soviética, exemplificando que a abertura econômica de capital e a desestatização das empresas é uma das formas de combater as crises econômicas, tomando é claro uma posição desde o início acerca do tema.

A crise conjugal entre Collor e sua esposa Rosane também é tratada neste mês, já que Veja traz uma entrevista com a então primeira dama explicando sua crise conjugal e o escândalo que a envolveu na LBA. Ela explica que o fato de seu marido aparecer publicamente sem aliança foi um recado para ela "cair na real" em relação ao cotidiano pessoal deles como casal, e que as denúncias de corrupção contra ela eram falsas.

A edição 1203 publicada no dia 09 de outubro, traz à tona um discurso importante, pois é a primeira vez que a palavra *impeachment* é citada na revista, porém não é de maneira incisiva, é tratada neste momento apenas como um rumor de bastidores, levando em conta a situação econômica do país, os problemas que não foram resolvidos e os escândalos que haviam desembocado na esposa do presidente e que também respingaram nele, porém Veja chama estes rumores de despropositados, uma "loucura de primavera".

Há também em outubro a volta de Zélia Cardoso de Mello aos holofotes. O motivo é a publicação de sua biografia que expôs algumas faces do governo, porém o foco dele é sua vida pessoal, não causando muitos danos ao presidente, apenas trazendo notícias de bastidores que o presidente poderia querer que não fossem publicadas. Em relação a situação econômica, o quadro continua desfavorável, fala-se em acabar com os confiscos e com os congelamentos, porém é mera conversa de bastidor.

Na última edição do mês, do dia 30, o colunista Elio Gaspari fala em um cenário de hiperinflação que poderia ou não estar se desenhando. Não é uma constatação somente, é um aviso, de que o quadro econômico poderia acarretar ao final em uma hiperinflação que significaria de fato o fundo do poço para qualquer economia, e sem dúvidas provocava pânico na população.

O mês seguinte, novembro, inicia-se com uma perspectiva de quase hiperinflação. A economia chegou a beira do colapso, mas conseguiu-se evitar o pior. Falou-se em um novo pacote econômico, porém nada aconteceu. A publicação questiona tal ponto de vista, fala-se em substituir o então ministro Marcílio. Além disso, Veja traz exemplos de países que chegaram a este colapso, tal como a Alemanha na República de *Weimar*⁵², onde com milhões de marcos não se podia comprar sequer um pão. O contraponto é uma coluna com o título "o país continua confiante", esboçando um cenário onde alguns entrevistados acreditam na melhoria da situação econômica do país, porém com o quase fundo do poço e a perspectiva de chegar até ele, a tendência é de melhoria, já que não há nada abaixo deste patamar.

A expressão nos olhos de Collor também é dedicada uma coluna no mês de novembro. Psicólogos foram procurados pela revista para tentar saber por quê o presidente estava com a expressão dos olhos mais carregada, olhando mais para o horizonte ao invés de olhar nos olhos de seus interlocutores. A resposta da publicação é

de que o presidente estava passando por um momento de intenso nervosismo e stress, "uma bomba prestes a explodir". O motivo desta reportagem é a de que muitos políticos e empresários que estavam se reunindo com o presidente notaram esta diferença no olhar dele, e Veja tentou buscar respostas a partir destes questionamentos, porém esta reportagem é uma vaga ideia de entretenimento, pois qualquer pessoa que estiver em um momento de pressão e instabilidade, tende a mudar suas expressões corporais, ficando mais contraída em relação a quando está em momentos mais relaxados.

A coluna de Marcos Sá Corrêa da edição 1209, do dia 20 de novembro, faz duras críticas ao momento que o país estava vivendo economicamente, aos planos que não tiveram êxito, as trocas ministeriais e a instabilidade política, dizendo que o presidente merecia que o ano já se findasse naquele momento, seis semanas antes do tempo, pois o panorama era desanimador e duvidoso em relação ao futuro.

Por fim, Veja exibe uma pesquisa de popularidade feita pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), onde Brizola e Lula lideravam, seguidos por Paulo Maluf⁵³, Mário Covas, para somente depois aparecer o nome de Collor. O presidente estava ficando cada vez mais impopular segundo a publicação.

Em dezembro de 1991, não há um quadro ou uma manchete parecida com as do final do ano anterior. Em 1990 por exemplo, Veja traçou uma espécie de retrospectiva do que havia sido o ano, principalmente abordando a área econômica e projetando o ano seguinte. Agora, a revista fala em reformas necessárias para o progresso do país, reformas muitas vezes impopulares e que exigem sacrifícios de toda população. Além disso, há uma pesquisa feita junto ao Congresso que confirma que a maioria do Poder Legislativo não confiava no chefe do Poder Executivo, e também há uma fala do presidente dizendo que a recessão continuaria no próximo ano, causando uma repercussão de dúvidas ainda maiores na população.

A recessão continua sendo o tema central em dezembro. Um dos motivos para isso é a proximidade com o Natal, uma data muito boa para a movimentação do mercado, porém em 91 haviam muitas dúvidas sobre como seria essa data, pois a recessão econômica, o alto número de desempregados, a desvalorização da moeda e salários, além da inflação, seriam empecilhos para a movimentação esperada para essa data.

Há em dezembro também, uma das primeiras manchetes de "alento", ou melhor, uma manchete enaltecendo o trabalho do Ministro da Economia Marcílio Moreira, principalmente após o mesmo ter enviado uma carta de intenções do Brasil ao FMI, que foi vista com bons olhos pelo Fundo, aumentando um pouco seu prestígio para com o periódico, graças a tentativa de um acordo, porém o acordo previa um arrocho econômico ainda maior do que já visto anteriormente.

Veja também traz uma reportagem acerca da repercussão do Brasil no exterior, abordando questões econômicas, na qual viam o país cambaleante economicamente, com desconfiança sobre investir e duvidoso em relação ao seu crescimento.

Rosane Collor também é citada nas manchetes, porém o cunho é de uma mera "revista de fofocas", especulando qual seria seu estilo, seu penteado para o novo ano que se aproximava, trazendo inúmeras fotos sobre qual seria o melhor corte de cabelo para a primeira dama, além de trazer uma coluna sobre os vultuosos gastos da esposa de Collor em uma visita a capital italiana, comprando roupas, jóias, sapatos, gastando uma quantia aproximada de 15 mil dólares.

Por fim, a última carta ao leitor do ano publicada no natal de 91, possui um discurso de discordância a posições de Collor. Primeiramente no que se refere a uma de suas falas, de que quando alguma empresa quebrava, o empresário deveria abrir uma nova empresa em um novo ramo. Veja é categórica ao discordar de tal posição, principalmente por esta ferir os interesses de seus principais anunciantes, também pelo fato de que a quebra de empresas provocaria ainda mais desemprego, com certeza mais danos a economia, menores investimentos, pouca abertura de capital, e conseqüentemente um cenário de recessão ainda maior. Não se desenha até aqui um embate, porém há algumas lacunas a serem preenchidas nesta relação entre Collor e Veja, que vai ter contornos dramáticos a partir do próximo ano que se inicia, o de 1992.

O ano de 1992 se inicia com a cobertura da revista sob o prisma de uma reforma ministerial. Um dos temas debatidos em questão é a Previdência Social que estava com um rombo enorme. Collor demite o Ministro do Trabalho e Previdência Antônio Magri⁵⁴. Denúncias de corrupção, aliadas com a incompetência em sanar a crise previdenciária vem à tona contra ele.

A principal pauta deste mês de janeiro é a acusação de plágio contra o presidente Collor. Segundo a publicação, ele teria publicado oito artigos em jornais que envolviam uma proposta social liberal, porém havia plagiado muitas ideias do ex-diplomata e já falecido naquele momento, José Guilherme Merquior⁵⁵. Na carta ao leitor, a revista tenta mudar o foco, onde que com o título "uma boa discussão foi perdida", Veja aborda que ao invés do plágio, a sociedade deveria estar debatendo as ideias contidas nestes artigos, porém é claro, que as acusações contra o presidente eram graves.

A última publicação de janeiro traz na capa a reforma ministerial, chamando-a de "a vitória dos profissionais", já que o presidente havia trocado alguns ministros que sofriam questionamentos em suas pastas para substituí-los por políticos da "velha guarda", trazendo agora o PFL para o seu governo, como uma estratégia para blindá-lo e aumentar sua base aliada, sendo uma estratégia elogiada por Veja, pois para ela, estes novos ministros eram mais confiáveis do que os anteriores pelos seus históricos políticos.

Em fevereiro, uma coluna de Elio Gaspari traz à tona inúmeras críticas ao presidente, já que o governo não queria dar o aumento de 147% conseguido na justiça pelos aposentados. Gaspari afirma que este é um direito do contribuinte, e que de fato os problemas da nação passam muito longe da população que recebe benefícios do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social).

Outro tema tratado é a saúde do presidente. Veja traz fotos de Collor entre 1989 a 1992, onde ele encontra-se mais magro, pálido e com alguns cabelos brancos, buscando levantar hipóteses acerca do estado de saúde dele. A reforma ministerial também é um tema deste segundo mês de 1992, citando uma nova coalizão com PDS, PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e PMDB em busca de apoio no Congresso.

A principal pauta do mês, por mais que não esteja nas capas ou em destaque, está na edição 1222, publicada no dia 19 de fevereiro. Nela há indícios de que o irmão do presidente, Pedro Collor⁵⁶, possuía fitas gravadas, uma espécie de dossiê contra Paulo César Farias (PC Farias), tesoureiro da campanha de Fernando Collor, chamando-o de "lepra ambulante", e afirmando que a obscuridade de seus negócios e a procedência de seu dinheiro poderia resultar na abertura de um processo de *impeachment* contra seu irmão. O futuro responderia esta afirmação.

O terceiro mês de 92 é um mês de divulgação de denúncias e gravações que envolvem o ex-ministro do Trabalho Antônio Magri. Ele é acusado de receber propina de 30 mil dólares em um esquema de corrupção na Previdência. O presidente afirma não saber de nada em entrevista exclusiva a Veja, afirmando que seu governo era bom, que estava no peso ideal, não tinha problemas de saúde, além de desconhecer qualquer acusação contra seu tesoureiro de campanha PC Farias.

Veja também faz um balanço destes primeiros dois anos de governo, envolvendo inflação, corrupção, crescimento do PIB, educação, privatizações, afirmando que os números trazidos por Collor durante a campanha não estavam sendo condizentes com a prática, principalmente na questão econômica. Porém ao entrevistá-lo, a revista ainda se mostra confiante em seu governo, apesar de algumas desavenças, neste momento o presidente ainda concede entrevista a revista e se explica a seus leitores/eleitores.

Em abril o foco é a reforma ministerial. Após a demissão de inúmeros ministros, Collor os substitui por políticos mais experientes, alguns até já tendo exercido este tipo de cargo, sendo uma decisão amparada por Veja, que em sua carta ao leitor afirma que é uma decisão necessária para a continuação do governo, chamando mais uma vez de recomeço, mais um além de tantos. A maioria dos ministros afastados foram por corrupção ou mera incompetência.

Maió é o mês mais importante neste processo de ruptura entre Collor e Veja. É o mês em que as denúncias contra Paulo César Farias, tesoureiro de campanha do presidente vem à tona. Na segunda edição mensal de maio, o irmão do presidente, Pedro Collor, traz um dossiê em que acusa Paulo César Farias de movimentar dinheiro em paraísos fiscais e possuir empresas de fachada no exterior, sendo a procedência de seu dinheiro duvidosa. A terceira publicação do mês estampa na capa o imposto de renda de PC Farias entre 1987 até 1991, trazendo um "choque de realidade" entre o que está declarado e o que de fato PC Farias possuía, já que seu modo de vida não condizia com sua declaração de renda.

Segundo Veja, um dos motivos que levaram Pedro a denunciar PC Farias, foi a concorrência de mercado midiático no estado de Alagoas, já que Farias havia comprado os direitos do jornal A Tribuna de Alagoas⁵⁷, principal concorrente da Gazeta de Alagoas⁵⁸, jornal pertencente a família de Collor, estando Pedro a frente da direção do jornal.

A última publicação do mês é a mais emblemática e importante de todas. Publicada no dia 29 com o título de capa "Pedro Collor conta tudo", traz uma entrevista exclusiva com o irmão do presidente a Veja, na qual acusa PC Farias de vários crimes, como tráfico de influência, chantagem e corrupção. As denúncias são graves e atingem em cheio o presidente Fernando Collor. Na carta ao leitor, Veja chama as acusações de Pedro como um "depoimento que não se pode ignorar". Na mesma edição, Pedro acusa o irmão Fernando de tê-lo induzido a cheirar cocaína na juventude, e o acusa de ser um consumidor assíduo da droga. Uma equipe de psiquiatras é contratada pela revista para checar se a sanidade de Pedro estava intacta, sendo o resultado positivo, causando de fato o início de uma crise política no Planalto. Elio Gaspari, colunista do periódico, acusa PC Farias de ter feito Caixa 2⁵⁹ para angariar fundos para a campanha que alçou Collor a presidência, levando em conta as denúncias de Pedro. A crise estava iniciada, a ferida estava aberta, e agora a desconstrução de Fernando Collor se inicia de forma letal.

Em junho, o foco nas denúncias continua, porém a revista fala em um grande acordo com governadores, ministros, e incluindo o próprio irmão do presidente para tentar salvar a pele de Collor e livrá-lo das denúncias. O acordo segundo a revista seria de colocar todas as acusações sobre PC Farias e distanciar o presidente o máximo possível delas. A revista consultou juristas que afirmaram que estas acusações eram de cunho grave, e que ou Paulo César Farias, ou Fernando ou Pedro Collor terminariam mal de qualquer forma.

No mesmo mês, a revista começa a apurar a fragilidade na qual o governo se encontrava, que o Planalto estava em estado de inércia, já que uma CPI havia sido aberta no Congresso para apurar as denúncias. Há também uma entrevista com Motta Veiga, ex-diretor da Petrobrás, na qual ele ratifica as denúncias de Pedro Collor, afirmando que o governo não terminaria limpo quando as denúncias chegassem ao presidente. Além disso, há uma charge de Ancelmo Gois retratando quedas como em um jogo de dominó, onde Pedro Collor derrubaria PC Farias, que derrubaria Fernando Collor.

A última publicação do mês traz uma entrevista com o ex-líder do partido na Câmara Renan Calheiros, em que ele diz que o presidente sabia dos crimes de PC Farias e que o mesmo exercia uma grande influência no presidente e conseqüentemente no governo, indicando e recusando nomes para assumirem cargos importantes.

Todas essas denúncias acabam "fritando" ainda mais Collor. A ameaça de *impeachment* já começa a se desenhar neste momento, e o presidente busca estratégias a fim de paralisar a CPI. Já em relação a economia, o quadro continua ruim, a inflação continua incontrolável, e a confiança no presidente cada vez diminui, havendo agora uma crise política e econômica.

Julho é o mês em que as especulações acerca do futuro de Collor e da presidência começam a se especular de maneira mais incisiva. Nos bastidores, o então vice-presidente Itamar Franco está começando a movimentar-se a espera de um desfecho na CPI de Collor. Por outro lado, as denúncias contra PC Farias estão se emaranhando e embaralhando cada vez mais, confundindo a CPI que apura os crimes. Agora, Farias é acusado de traficar cocaína com seus jatinhos particulares. Enquanto isso, a carta ao leitor enaltece o sentimento de indignação da população brasileira, com sua economia chafurdando na lama e apurando diversos casos de corrupção e crimes que estão cada vez mais afunilando no Palácio do Planalto.

Na segunda edição do mês, a revista busca apresentar algumas provas de que PC Farias teria como um de seus "laranjas" a secretária do presidente Ana Acioli, transferindo quantias altas para a conta dela, o que de fato aproxima ainda mais o presidente com Farias. Outra prova levantada é a compra de um Opala de 90 mil dólares feita por PC Farias, no qual os filhos do presidente dirigiam pela cidade do Rio de Janeiro.

Na terceira edição de julho, Veja reclama das retaliações que estava sofrendo do governo pelo fato dela publicar provas contra Collor e PC Farias, denunciando principalmente o então presidente do Banco do Brasil, Lafaiete Coutinho de fazer ameaças a revista. A carta ao leitor é um exemplo claro disso. Outra manchete é o início das investigações da CPI sob as obras de construção da Casa da Dinda, residência onde Collor vivia.

Para piorar a situação, um ex-deputado, Sebastião Moura, denuncia a revista um fato de que Fernando Collor ordenou que PC Farias doasse 120 mil dólares para sua campanha para deputado federal em 1990, além da contradição dos depoimentos das secretárias de Collor para com as versões do presidente e de PC Farias.

A quinta e última edição de julho com o título "o círculo se fecha", exibe uma coluna feita junto a CPI, na qual apura a existência de mais de 40 mil cheques passados entre Paulo César Farias a Collor, direta ou indiretamente, buscando desvendar um esquema que envolvia empresas, negócios no exterior, verbas de campanha e "fantasmas". A CPI é elogiada na carta ao leitor, onde a revista se vê como interlocutora da Comissão para com os brasileiros, e que a própria Comissão utiliza várias provas levantadas pela revista na apuração dos fatos, algo visto como de grande subsídio para a política brasileira. Os contornos de *impeachment* estão se desenhando cada vez mais, e a crise cada vez mais instaurada. Na pasta econômica, o Ministro Marcílio tenta se isolar das acusações e isolar o campo econômico da crise, o que de fato é impossível em momentos assim.

Agosto se inicia falando de como o cenário de *impeachment* se desenhava, principalmente nos bastidores, onde o presidente buscava aliados a fim de evitar sua perda de mandato. Todo ato favorável ao presidente neste momento é visto como uma farsa, como uma montagem. A revista não acredita mais no presidente, a ruptura é inevitável, a confiança que existia no início e foi diminuindo com os planos econômicos e políticas desaprovadas, agora não existe mais. Collor e Veja são duas coisas diferentes agora, são adversários.

Enquanto isso o relatório da CPI é preparado, e ele recomenda a abertura de processo de *impeachment* contra Fernando Collor, pois constatou crime de responsabilidade nas relações entre o presidente e seu tesoureiro de campanha Paulo César Farias, em cifras envolvendo aproximadamente 230 milhões de dólares.

A edição 1248 de 19 de agosto, exibe na capa a manchete "anjos rebeldes", pois leva em conta os inúmeros protestos realizados principalmente por jovens pedindo a saída de Collor, chamando o presidente de demagogo e os adolescentes de anjos. Parece que o jogo virou, e as peças continuam se movendo.

A edição 1249 e última do mês, traz na capa inúmeros protestos ocorridos no país pedindo a saída do presidente. Collor havia feito um apelo em rede nacional para que os brasileiros saíssem às ruas vestidos de verde e amarelo para apoiá-lo. Os brasileiros saíram de preto, simbolizando luto. Agora, a publicação vê os protestos como legítimos, chamando isso de "show de maturidade" por parte dos brasileiros. A

CPI é concluída e o processo de *impeachment* iniciado, agora com o aval das ruas, com o aval do Congresso, e com o aval da Revista Veja.

Setembro é o mês do *impeachment*, mês em que Collor deixa de ser presidente da República, dá seu lugar ao vice Itamar Franco⁶⁰. Por ser o mês mais decisivo neste processo de construção e desconstrução de Fernando Collor, a revista publicou uma edição especial no último dia do mês (30), contando os bastidores da trama que levaram a primeira queda presidencial no pós redemocratização, e olha que estávamos ainda no primeiro presidente eleito por voto direto.

Na primeira publicação de setembro não há uma carta ao leitor, e sim um editorial com o título "o presidente deve sair", explicando alguns motivos que teriam levado a esta conclusão, como por exemplo a perda de credibilidade, de autoridade e as graves acusações que o rodeavam.

O *impeachment* ganha robustez, não é mais um absurdo, porém o processo é rápido. Inicia-se ao final de agosto e termina no final de setembro, pelo menos na Câmara. Collor é afastado em 29 de setembro. Por ser um processo inédito na história brasileira, houveram muitas questões jurídicas em debate, e Veja classificou a rapidez e o trabalho da CPI como antológicos.

Há também mais uma denúncia afirmando que as reformas da Casa da Dinda⁶¹ foram super faturadas, sendo a maioria de cheques fantasmas. As vésperas da votação, Veja denuncia também a tentativa de compra de votos por parte de Collor e seus interlocutores para com deputados em troca de verbas parlamentares.

As manifestações continuam pelo país com cada vez mais adeptos. O presidente está sem apoio, está ruindo na Câmara, a imprensa que o apoiou em suas decisões mais impopulares agora o quer fora, chamando-o de mentiroso, ladrão, truculento, dentre outros adjetivos impensáveis em uma relação imprensa/governo. A abertura democrática, esta nova liberdade de expressão e esta nova democracia esboçam de maneira clara o cenário descrito, onde Veja se vê com respaldo para adjetivar o presidente de tais formas, já que ajudou a construí-lo e necessitava de sua saída para dar prosseguimento a seu projeto político no qual se ampara.

O último discurso do presidente antes da votação do dia 29 é chamado de chulo, esdrúxulo, ofensivo, pois são emitidos inúmeros palavrões de Collor direcionados a imprensa e aos deputados.

Quando se dá o *impeachment*, a edição especial chama o processo de "lição de democracia", que o país disse não a corrupção e a impunidade, estampando um pequeno histórico do governo Collor, desde algumas capas na época das eleições, até as capas que culminaram na queda dele, chamando o processo de a "vitória do povo", e contradizendo suas próprias versões, do Fernando Collor esportista e jovial, agora visto como ultrapassado, velho, arcaico, página virada. Agora o momento era de Itamar Franco, e Veja queria visualizar um novo horizonte, com um novo perfil, com novos ares. A nova montagem do governo é o que vai ditar as próximas edições de Veja, mas Collor não será ainda esquecido, já que agora o processo vai para o Senado, porém o país tem um novo presidente.

Em outubro, mês seguinte a saída de Collor, Veja cobra um novo projeto de Itamar Franco para que o país entre nos trilhos, principalmente em seu principal percalço, o meio econômico. Em relação a Fernando, agora ex-presidente, a cobertura de sua saída do Palácio do Planalto recebe a alcunha de "a última farsa", afirmando que Collor propõe uma troca, onde renunciaria ao cargo para não ser preso. Neste mês, as páginas que falam sobre Collor vão diminuindo, ao contrário dos quatro meses anteriores em que as matérias somente aumentavam, afinal ele não era mais presidente, o destaque maior seria para Itamar, porém Fernando esperava retornar a presidência, fato que nunca mais aconteceria.

Adentramos em novembro, o foco em Collor diminui ainda mais. Poucas matérias são de bom uso. A única que chama a atenção é a apreensão de um computador que relatava o esquema de comissões e verbas entre Collor e PC Farias, agora já página virada, porém de grande valia para este trabalho.

Dezembro de 1992 é o último mês de análise deste processo de construção e desconstrução de Fernando Collor. Traz de início entrevistas com empresários que abrem o jogo sobre o esquema com PC Farias, principalmente no uso de dinheiro em paraísos fiscais e enriquecimento ilícito.

Veja também cobre o fato de Collor estar sendo pressionado a renunciar por interlocutores próximos, porém se nega a fazer isso, pois acredita que vai voltar a presidência. A publicação se interroga se Fernando Collor seria cínico ou louco por estar querendo retornar.

A última edição analisada, de número 1268, publicada no dia 30 de dezembro de 1992 é emblemática. Traz em sua capa o título "o ano glorioso em que nos livramos dele", trazendo uma foto de Collor bem mais gordo, longe daquele porte atlético exibido em 1989, chamando-o de golpista e criminoso por buscar artimanhas no Congresso para permanecer no cargo ou para procrastinar seu julgamento, recebendo a alcunha de farsante, armando para si um teatro político segundo Veja. A revista recebeu o prêmio Esso de jornalismo pela cobertura do caso PC-Collor. A popularidade do presidente caiu de 15% para 8% após a votação do *impeachment*.

Ao final, Veja faz uma espécie de balanço, contrapondo os "mocinhos" de um lado e os "vilões" de outro. Os que apoiaram o *impeachment* e fizeram parte da CPI, ora, estão do lado dos mocinhos. Os vilões são os que se manifestaram contra o processo de *impeachment*, incluindo os ministros de Collor. Alguns políticos desta época conseguiram emergir no meio político por causa destes fatos, outros ficaram esquecidos. Nas últimas páginas, Veja faz uma espécie de sátira com o futuro de Collor, mencionando seu fim de carreira política (o que não aconteceu), seu ostracismo (também não ocorreu), trazendo junto a essas previsões elementos futurísticos, como robôs, computadores, além de alguns hábitos de Collor, como consultar videntes e os astros para tomar decisões sobre sua vida, sejam elas de cunho pessoal ou político.

3.3 A MUDANÇA DE DISCURSO DA REVISTA VEJA EM RELAÇÃO A FERNANDO COLLOR

Analisar o fato em questão requer uma análise aguçada acerca disso. Contextualizando os fatos históricos, a Revista Veja serve como um aporte de grande valia para a pesquisa em questão. Primeiramente porque ela traça alguns acontecimentos de maneira mais detalhada, como as crises econômicas e os escândalos políticos enfrentados pelo governo Collor. Mesmo quando muda sua abordagem para um viés mais pessoal, parecendo algumas vezes uma revista de fofocas, esses acontecimentos são de grande utilidade para o trabalho em questão, principalmente pela construção antes de tudo de uma imagem pessoal de Fernando Collor, pautada também em sua vida privada, traçando também características dele, como supersticioso, esportista, ambicioso, de família oligárquica, com formação acadêmica, trazendo consigo características políticas, como do modo de Collor governar, política de corte de custos, caça aos marajás, enfim, adjetivos que traçam um panorama de ascensão de um novo candidato com novas ideias, reformulando as bases políticas e trazendo consigo uma nova esperança para os eleitores brasileiros.

Levando em conta este processo de construção e desconstrução de Collor, é da Revista Veja o papel de maior importância neste processo. Como a análise se pauta entre 1989 a 1992, ou seja, desde o ano das eleições até o final do processo de *impeachment*, são inúmeras publicações analisadas, sendo que aos poucos, Veja vai dedicando cada vez mais páginas a este novo "fenômeno" chamado Fernando Collor.

Além de tudo, a revista possui desde o início um posicionamento político e econômico acerca de como o país deveria funcionar, principalmente amparando-se em aspectos liberais, como privatização de empresas, apoio ao enxugamento da máquina pública, abertura econômica para investimentos estrangeiros, enfim, sendo Collor um dos candidatos que mais aproximava-se deste discurso. Construir um discurso político neste contexto não é somente uma tarefa atrelada aos candidatos ou militantes partidários. Há também a construção de um discurso feita pela própria imprensa, buscando sem dúvida perpetrar este discurso no imaginário dos brasileiros, principalmente de seus assinantes, na tentativa de criar uma proximidade maior com seu público leitor, e também de trazer cada vez mais assinantes que "comprem" estes discursos.

O fato em questão abordado traça um panorama cronológico de quatro anos, na busca de analisar as mudanças que foram acontecendo gradativamente na construção destes discursos, onde Veja ora apoiava, ora atacava Collor, porém sempre manteve sua posição firme em relação a seus preceitos políticos.

Analisando os fatos mais a fundo, o crescimento de Collor nas pesquisas de intenções de voto, antes ainda do mesmo licenciar-se do cargo de governador de Alagoas para concorrer a Presidência da República se dá de modo estrondoso. Fernando Collor por ser membro de uma família influente no cenário político, econômico e também midiático de seu estado, possui nas suas mãos um aparato enorme para alcançar cargos políticos, sejam eles nas esferas municipal, estadual ou federal. Mas isso não basta para chegar ao mais alto posto do Poder Executivo. Necessita-se além de influência, de uma massiva propaganda enaltecendo sua figura, buscando distanciar-se cada vez mais de políticos e de políticas impopulares, levando novas ideias para o imaginário do eleitor brasileiro, buscando oxigenar o cenário político que naquele momento estava já se vendo cansado, ultrapassado, em busca de algo novo, de uma revigorada para seguir em frente em um cenário totalmente desfavorável.

A popularidade de Collor vai crescendo com o passar dos meses, porém esta estrondosa subida coincide também com a divulgação cada vez maior de sua imagem atrelada a seu viés esportista, atlético, e claro a esta ideia de nova política que estava emergindo no contexto político nacional, principalmente pelos cortes de custos, caça aos marajás e arrocho da máquina pública, políticas vistas como necessárias pela revista naquele momento, sendo este discurso também abraçado pela maior parte da população.

Conforme seu crescimento vai se denotando, seu destaque na revista também. Para Collor não são mais dedicadas páginas de revista ou manchetes no rodapé, agora Fernando Collor passa a ser capa da Veja, ganhando destaque e notoriedade nacional, caracterizando seu viés atlético, esportista, de um novo político, com novas ideias e planos para o Brasil, vindo de uma família influente em seu estado, chancelado por ter sido governador de Alagoas e ter adotado políticas de arrocho e contenção de gastos, possuindo esses planos também para o Brasil.

A medida em que a imagem de Collor vai se construindo, várias outras imagens vão se desconstruindo. A do então presidente José Sarney é uma delas. A revista o vê como ultrapassado, suas políticas econômicas não possuem êxito, e seu governo está

cada vez mais esfacelado. Os principais concorrentes de Collor, como Lula e Brizola também não se encaixam no perfil liberal traçado pela publicação, assim, necessita-se criar um discurso pró Collor e contrário a seus principais concorrentes, por não encaixarem-se no discurso da revista.

A cobertura das eleições é um momento ímpar na história da imprensa brasileira. Com o fim do período militar, da censura, e com o início de uma abertura cada vez maior de liberdade de imprensa e de expressão, a mídia se destaca a partir desta cobertura. As eleições de 1989 expressam muito bem como a imprensa pode diligenciar os rumos políticos da nação, sendo estas as primeiras eleições diretas após o fim do período militar.

A construção da imagem e do discurso de cada candidato é essencial em um processo eleitoral. Devemos ter cuidado para em um tipo de pesquisa como essa não cometer anacronismos, principalmente porque com as tecnologias do presente, todo e qualquer candidato pode montar seu discurso político e publicitário por meio de redes e mídias sociais, trazendo para si um aparato de publicitários e assessores para ancorarem e alavancarem suas campanhas políticas. Na época descrita, 1989, o único modo de levar as propostas políticas e fazer campanha para com a população em geral era por meio da imprensa, sendo ela escrita ou falada. Quem detinha maior credibilidade e equipes maiores, mais profissionalizadas, saía na frente nesta disputa, principalmente pelo mercado midiático ser de ampla concorrência, onde os grandes conglomerados de comunicação possuem maior credibilidade no meio político e social, por possuírem maior audiência e um número maior de assinantes, trazendo consigo seu discurso e suas práticas das "meras verdades", como já esboçado no capítulo anterior.

A própria ideia de credibilidade é algo que interage com os números de assinantes e espectadores, sendo que cada meio de comunicação com uma grande massa de seguidores possui recursos para investir cada vez mais em seu núcleo de interesse, seja ele política, esportes, entretenimento, cultura. Conforme sua credibilidade vai aumentando, traz consigo anunciantes, que cada vez pagam mais para estamparem suas marcas nestas mídias, além de angariar também mais assinantes ou espectadores, que podem ou não comprar estes discursos inseridos nestes meios de comunicação, sendo o discurso a partir de então, o principal modo de operar destas mídias, sejam elas mídias escritas, como no caso abordado, ou faladas, como a televisão e o rádio, onde a opinião

própria de quem está por trás dos microfones ou nos bastidores, são sim formadores de opinião, principalmente em relação a aquele público já fidelizado a estes colunistas, apresentadores e artistas que possuem uma boa gama de fãs ou seguidores de suas ideias.

Com o processo de eleição de Collor consumado, a revista Veja faz inúmeros planos para o que viria a partir deste novo cenário político. A pauta econômica se torna a principal do periódico neste primeiro ano de governo, principalmente em razão dos inúmeros desafios que deveriam ser enfrentados na gestão, levando em conta a crise econômica que assolava o país, a recessão, o desemprego, a inflação, a instabilidade econômica, as inúmeras trocas de moedas, enfim, a economia brasileira estava cada vez mais inserida em um cenário caótico. As publicações de 1990 principalmente, possuem uma abordagem de apoio inicialmente a um plano extremamente impopular, o de retenção das economias dos brasileiros que estavam colocadas nas poupanças, o chamado plano do confisco. Inúmeros brasileiros mostraram-se descontentes já de início com tal política, porém o discurso de Veja era de apoio ao plano, já que não se sabia qual seria o resultado dele.

Há durante todo o processo um desgaste gradativo na relação entre Fernando Collor e Revista Veja, onde ora a revista apoia o presidente, ora não o respalda, parecendo um relacionamento conjugal expressado por idas e vindas, porém o rompimento seria inevitável ao final de toda a trama.

O discurso defendido por Veja sempre foi o mesmo desde o início até ao final do processo. Um discurso liberal, favorável a privatização de empresas, abertura do mercado, livre concorrência, fortalecimento empresarial, enfim, um discurso voltado para seus principais anunciantes e investidores. Os discursos de um periódico não são construídos conforme a ideologia de seus parceiros comerciais, e sim são amparados na construção de um público-alvo, onde além deste público, há também aquele perfil de anunciante ao qual se quer para o periódico, sendo que o discurso também é uma forma de angariar cada vez mais publicidade para a revista, trazendo consigo recursos para serem investidos no próprio periódico, principalmente na área de maior ênfase de cada revista, sendo no caso de Veja, a política.

Por ter a política como principal aporte de cobertura, há dentro do periódico cada vez mais críticos e colunistas dos espectros políticos, sendo esta uma equipe com

uma credibilidade maior em relação por exemplo a outros periódicos que não possuem um viés tão centrado em um tema específico como a revista Veja. A especificidade com a qual Veja se vê como porta-voz da política para com a população e vice versa, esboça o modelo de discurso no qual a mesma se ampara, trazendo para si anunciantes, assinantes e proliferação de seus discursos.

Este desgaste gradativo descrito anteriormente entre Collor e Veja, ampara-se principalmente na discordância de ideias políticas. Se no discurso de Collor havia uma boa afinação entre ele e a revista, na prática as coisas mostraram-se um pouco diferentes. Falou-se neste processo em várias rupturas e recomeços deste governo, onde o discurso de Veja era sempre de um recomeço conforme mudanças no governo iam acontecendo, principalmente na pauta econômica, dando a entender que o governo começava e recomeçava do zero a partir dali, sendo que os planos econômicos frustrados anteriormente eram colocados de lado em prol de novos planos, onde que por mais fracassados que tenham sido os anteriores, havia sempre uma esperança na revista de que seus projetos cancelados com a eleição de Collor uma hora vingariam.

Conforme a economia vai ruindo cada vez mais e os planos econômicos vão mostrando-se insatisfatórios para o cenário em voga, Veja continua "batendo na tecla" de seu projeto liberal. Continua pressionado o presidente a realizar as mudanças previstas em sua campanha, mudanças essas que de fato cancelaram o apoio da revista em forma de discursos, e da população em forma de votos. As mudanças ora acontecem, ora não acontecem, ora há um "progresso", ora não há, trazendo consigo uma instabilidade nestas relações.

Ao final de 1990, ao fazer um balanço do primeiro ano de governo, a revista culpa o mercado pelos insucessos no campo econômico, onde no decorrer desta trama, muitos assuntos condizentes a vida pessoal, tanto de Collor, quanto de sua Ministra Zélia Cardoso de Mello vem à pauta, buscando dar uma "arejada" em um assunto tão pesado quanto é a pauta econômica, principalmente uma pauta em crise, desacreditada, trazendo reportagens com abordagens mais leves, algumas vezes parecendo até revista de entretenimento, porém com clara intenção de desviar o foco.

Resumindo o ano de 1991, há algumas idas e vindas entre o periódico e o governo Collor, onde alguns motivos que levam a isso são as grandes mudanças de planos econômicos neste ano, trocas ministeriais, onde a saída da Ministra da Economia

Zélia Cardoso de Mello é o estopim desta crise, e a revista mostrando contrariedade a esta ação, e desde o começo não confiando em seu substituto, Marcílio Marques Moreira. Fala-se também em recomeços, principalmente no plano econômico, mas o novo ministro além de não ser confiável e não possuir uma personalidade forte tal qual sua antecessora, não traz à tona um novo plano econômico, e isto causa um misto de contrariedade do periódico em relação a estes aspectos.

O ano de 1991 é um ano de intensa crise econômica, um cenário ainda pior em relação ao ano anterior, onde os índices de inflação e desemprego são assustadores, e há agora muitas contradições no próprio discurso do periódico. Se lá em 1990, Veja mostrou-se favorável ao confisco das poupanças e tentou explicar esta medida impopular em suas publicações, agora a revista via como legítima as ações dos brasileiros de buscarem na justiça seus direitos em relação a seus bens congelados. Porém se agora esta medida era direito da população, por que lá atrás o discurso não foi esse? Há de se ter em mente que esta ruptura vai acontecendo gradativamente, sendo seu estopim em 1992 após as denúncias do irmão do presidente ao periódico. O panorama vai ficando cada vez mais instável, tanto nas relações entre Collor e Veja, tanto nos aspectos políticos, quanto nos aspectos econômicos do país.

Ao final de 1991, o discurso é de um quase colapso, onde o país passa por um período de intensa crise, quase chegando a hiperinflação, denotando um cenário parecido com o "fundo do poço", e aquela popularidade que Collor detinha em sua estrondosa ascensão e culminando com sua vitória nas eleições de 1989 já não existe mais. Agora ele está com a popularidade abaixo da maioria de seus adversários da última eleição, e a desconstrução de sua imagem é algo nítido, porém ela precisa de um "empurrãozinho". Em 1992 ele acontece.

O último ano analisado, o de 1992 traz consigo um cenário de ruptura entre Collor e Veja. Agora de fato a desconstrução de Collor como presidente e também como pessoa inicia-se e finda-se de maneira rápida e letal. Não há mais nada gradativo, agora a velocidade dos acontecimentos mostra-se em um enredo dramático, em ritmo acelerado, não há mais um vai e vem, há apenas o começo do fim.

Se o ano de 1992 possui características específicas, ele se iniciou a partir de uma perspectiva igual a dos outros anos, de instabilidade. Iniciou-se neste ano uma reforma ministerial chancelada no discurso da revista. Porém alguns membros desse alto escalão

havia sido retirados por incompetência ou por acusações de corrupção. Os escândalos estavam começando, e eles iriam culminar chegando ao presidente, tudo isso era apenas questão de tempo.

Construir um discurso é algo que necessita de uma abordagem diferente, necessita de provas, de um concretismo em relação aos fatos descritos para convencer de fato ao leitor da veracidade dos fatos estampados nas páginas. O leitor por mais cético que possa ser, o que não é o caso, credita suas afirmações sob provas, e quando as provas vem à tona, fica muito difícil de duvidar, e foi isso que aconteceu no derradeiro ano de 1992.

Paulo César Farias, tesoureiro de campanha de Fernando Collor é o personagem central da trama que vai se desenhar a partir do mês de maio, onde o irmão do presidente, Pedro Collor, faz graves denúncias contra PC Farias e contra o presidente. Tudo isso cai como uma bomba no Palácio do Planalto, e agora além da crise econômica enfrentada desde o início do mandato, instaura-se uma crise política, com finais dramáticos para Fernando Collor.

Entre junho e setembro de 1992, o periódico dedica páginas e mais páginas a este caso, trazendo provas, dossiês, apresentando indícios da culpabilidade de PC Farias no fato em questão, trazendo para si um discurso de veracidade acerca das denúncias de Pedro Collor. Se a desconstrução foi se realizando de maneira gradativa, agora a ruptura entre Fernando Collor e Revista Veja já está esboçada de forma evidente. Se em 1990 e 1991 o presidente se defendia de acusações ou de incompetência no cargo diretamente para a revista, agora Collor distanciou-se deste tipo de prática. A partir de junho, o discurso muda de maneira voraz. Fernando Collor não dá mais nenhum tipo de resposta para a revista, não sabemos se por opção dele, ou por opção do periódico. Outro fato descrito nesse período, são as entrevistas que cancelam a mudança no discurso da revista. Se em 1989, Veja entrevistava economistas e políticos influentes para cancelar seu apoio ao plano de governo de Collor em detrimento aos planos de Lula e de Brizola, agora as publicações buscam ratificar motivos que levam a este processo de desconstrução de Fernando Collor.

A própria publicação nestes meses, por possuir um efeito investigativo em relação ao envolvimento de Collor com PC Farias, faz com que muitos dados levantados pela revista sejam utilizados na CPI contra Fernando Collor. Se Pedro Collor

jamais tivesse feito as denúncias contra Collor e seu tesoureiro, muito provavelmente uma CPI não seria instaurada, pelo menos não naquele momento e nem por tais motivos. O que levou a instalação desta CPI são fatos relatados na imprensa, ou melhor, a revista *Veja*, e posteriormente utilizados como aporte para o levantamento de provas da CPI, além do levantamento de provas realizado pela própria revista. Várias capas neste contexto são feitas para esboçar o fato, e cada vez mais as denúncias vão se afunilando contra o então presidente.

Este período pode ser expressado também através de vários adjetivos de baixo calão proferidos do periódico para com Collor. Se lá em 1989 ele é visto como jovial, atlético, integrante de um novo projeto político audaz, agora ele é charlatão, mentiroso, corrupto. A mudança de discurso é cada vez mais nítida, e a saída do presidente passa a ser uma possibilidade cada vez mais chancelada por *Veja*, principalmente após o encerramento da CPI que recomendava o pedido de *impeachment* de Fernando Collor por ter cometido crime de responsabilidade.

Setembro é o mês do *impeachment*. O próprio editorial da revista nestes últimos dias de governo Collor recomenda que o presidente saia, pressionando também o Congresso para concretizar isto. Este discurso também faz com que milhares de pessoas saíam às ruas pedir a saída de Collor. Além de estar sem respaldo da imprensa e com a popularidade baixa, agora milhões de brasileiros pedem a saída do presidente. Além das acusações de corrupção dirigidas a Collor, ele é acusado também de fazer uso de drogas, principalmente cocaína, o que de fato desconstrói ainda mais sua imagem, mesmo que tal fato não possua nenhum tipo de prova ou relação com o contexto em questão.

Se em 1989 Collor é visto como "supersticioso", em 1992 é visto como "feiticeiro", por possuir a prática de consultar astros para tomar decisões. A mudança de discurso está bem expressada nestes acontecimentos, e as acusações contra Collor são insustentáveis para com ele. Collor deixa a presidência em 29 de setembro, em um processo rápido, durou pouco mais de um mês na Câmara dos Deputados. Agora o processo seria encaminhado para o Senado, porém o afastamento de Collor da presidência já era realidade.

Os meses finais desta apuração denotam um cunho cada vez menor em relação a Collor. Se entre junho e setembro houveram muitas manchetes acerca do contexto do *impeachment*, agora Collor era uma peça fora do jogo, e a dedicação da revista citando

o nome Collor cada vez diminui mais. Outubro e novembro são meses onde o foco está mais em Itamar Franco, agora novo presidente da República, que deveria tomar para si as atribuições as quais Collor havia deixado, principalmente com um novo plano de governo, um novo ministério e os mesmos problemas de sempre, a pauta econômica.

Dezembro por ser o último mês desta análise, traz apenas em sua última publicação uma espécie de retrospectiva deste processo que culminaria com a cassação dos direitos políticos de Fernando Collor. Além desta retrospectiva, o discurso agora é completamente de desconstrução total e letal da figura do ex-presidente, trazendo inclusive elementos de cunho humorístico para retratar o governo que se findava em 29 de dezembro com a renúncia de Collor e a cassação do mesmo no processo que havia tramitado no Senado. "O ano glorioso em que nos livramos dele" é o título de capa da última publicação do ano de 1992, trazendo um tom pejorativo, um tom de "liberdade" em relação a Collor. Além desse tom mais humorístico em relação ao governo Collor, que havia sido chancelado lá em 1989, a mudança de discurso também traz elementos de um planejamento de futuro de Fernando Collor, onde na visão da revista ele cairia no ostracismo, tanto na vida pessoal, quanto na vida política, porém isso nunca aconteceu. A mudança de discurso foi nítida nestes quatro anos de análise, onde mesmo que a ruptura tenha acontecido de maneira gradativa, o ano de 1992 nos revelou o estopim para esta ruptura, o que de fato alterou de maneira significativa o cenário político da época, retirando um Presidente da República e substituindo-o por seu vice-presidente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que esta análise tenha se pautado em um processo de construção e de desconstrução acerca de Fernando Collor, o objeto principal deste processo não é a figura do ex-presidente, e sim em como a imprensa pode influenciar os rumos políticos da nação, principalmente a vertente especializada neste tema, jornalistas e meios de comunicação que possuem contatos, influência, que captam as informações dos bastidores, que possuem trânsito livre nas veias do poder brasileiro. Todos esses por possuírem podemos dizer este "privilégio", são vistos pelos seus leitores e espectadores como "isentos", como transmissores de "meras verdades".

Se no contexto atual, as pessoas em sua grande maioria não possuem tempo para absorver e analisar as manchetes que são colocadas a sua frente, o jornalismo como um todo busca trazer tudo da forma mais "mastigada" possível, para que seu leitor ou espectador compreenda os fatos sem necessitar analisá-los, trazendo para este o conjunto de meras verdades colocadas em pauta. Não se trata pois de defender ou atacar o ex-presidente Collor neste processo, afinal ele não é o objeto central desse estudo, e sim o processo, o contexto no qual ele se colocou nesta época. Se fosse qualquer outra pessoa em seu lugar, o resultado teria sido o mesmo, vide as grandes rupturas nas quais este período trouxe.

Em relação as acusações trazidas contra Fernando Collor a partir de 1992, e que vão se construindo desde 1991, quando do envolvimento de sua esposa em escândalos, e a partir do ano derradeiro trazendo também o seu envolvimento, as provas estão colocadas ali a nossa frente, principalmente em relação ao envolvimento de PC Farias neste antro político. A impopularidade de Collor associada com suas medidas econômicas sem resultado, aliadas com escândalos políticos que o perseguiram desde 91, juntamente com a ruptura dele para com os principais líderes do Legislativo, são fatores que contribuíram para iniciar tal processo. Todo e qualquer processo de *impeachment*, por mais que seja amparado em questões jurídicas, possui um cunho político muito maior do que propriamente jurídico. E se há conflitos entre o Poder Executivo e Legislativo, as coisas tendem a se tornarem difíceis para o lado mais fraco da disputa, neste caso, Collor.

Analisar fatos políticos requer muitos cuidados, principalmente por não estarmos inseridos nos bastidores políticos, e pela trama chegar a nós de forma "mastigadinha", já

manipulada por quem as escreveu, colocando junto as manchetes um discurso, seja ele favorável ou desfavorável, mas havendo a existência dele.

A grande maioria das decisões políticas são tomadas nos bastidores, resultado de uma conjuntura de interesses aos quais determinado político ou partido se insere, e neste caso, a questão não é diferente. O contexto ao qual Collor emerge na cena política, advindo de um mandato de governador do menor estado populacional brasileiro, Alagoas, vindo de um partido sem nenhuma expressão no cenário político (PRN), trazendo junto consigo uma imagem construída a partir de políticas de arrocho salarial, corte de custos, demissões de funcionários com altos vencimentos, aliados ao cenário político da época, de recessão econômica, crise política, pouca legitimidade do governo Sarney junto a população, além de sua popularidade baixa, contrapõe-se com a ascensão de Fernando Collor. 1989 é o ano das primeiras eleições diretas pós ditadura militar, pós um período de intensa censura e repressão. Cria-se a partir de então uma grande expectativa, e todas elas são depositadas em Collor, afinal sua imagem é construída a partir de uma maciça propaganda e contribuição dos meios de comunicação, que trazem à tona um novo candidato, o presidente mais novo a ter assumido esta vaga no Poder Executivo, vindo com ares de jovialidade, de novas ideias, de nova política.

A Revista Veja nunca tentou esconder de ninguém sua ideologia política, voltada mais para o liberalismo político e econômico. Fernando Collor era um dos que melhor se encaixava nesta temática, e se há um projeto a ser colocado em pauta, deve-se buscá-lo a fim de que ele seja colocado em prática. Durante o governo Collor, inúmeras cobranças do periódico em relação a estes planos foram feitas, principalmente quando o governo desacelerava as reformas econômicas, buscava acordos fora do âmbito ao qual Veja queria, sendo que por mais medidas impopulares que este governo tenha tomado, sempre teve respaldo da revista. Somente quando as coisas entravam em "banho-maria", é que a revista desencontrava seu discurso com o do presidente.

Havendo tantos desencontros ideológicos entre 1990 a 1991, não houve em nenhum momento uma ruptura entre Collor e Veja. O discurso da própria revista era o de confiança na continuação do projeto, afinal não havia nenhum outro nome para colocar tal projeto em prática e dar continuidade a ele. Falou-se inúmeras vezes em recomeços, onde que cada vez que os planos se modificavam, sejam eles econômicos ou políticos, ou propriamente reformas ministeriais, o discurso de Veja partia por um viés

de um recomeço, de uma nova etapa no governo, esquecendo-se dos fracassos do passado, buscando sempre recomeçar do zero em busca do tão sonhado projeto.

Ao passo em que as dificuldades foram emperrando as reformas buscadas desde o início, e o Poder Executivo foi se conflitando com o Legislativo, o desgaste foi começando a tomar forma. Collor, por vir de um partido pequeno, não possuía um grupo de coalizão, uma "tropa de choque" para protegê-lo, vendo-se isolado ao final de seu mandato. Por mais que sua ascensão e construção tenham acontecido de maneira rápida e assustadora, sua derrocada em 1992 foi na mesma proporção, porém seu desgaste junto a imprensa, a população e ao Congresso foi acontecendo de modo gradativo.

As reformas econômicas não surtiram efeito, e a política do confisco, a principal medida de seu governo, tornou-se cada vez mais impopular. Se de início baixou a inflação e causou esperança nos brasileiros, o cenário foi ficando cada vez mais incontrolável, onde o desemprego e a inflação aumentavam, porém Veja sempre mostrou esperança nesta continuação, e quando não continuava, falava em recomeço. Foram vários nestes dois anos e meio de mandato.

Podemos notar a ruptura a partir das trocas de discursos que iam acontecendo gradualmente. Se no início mostrava-se o porte atlético do presidente, ele indo ao supermercado fazer compras, andar de *jet ski* no final de semana, mostrando sua realidade familiar para aproximá-lo dos brasileiros, este cenário foi se alterando gradualmente. A ênfase parou de se dar a estes aspectos, e iniciou-se um discurso de ceticismo em relação a Collor, principalmente nos aspectos econômicos, vide os resultados que estavam em voga e o contexto político desfavorável. Com a imprensa não foi diferente.

Em 1989 Collor era um fenômeno, foi um personagem construído para apaziguar os ânimos políticos que estavam acirrados naquele contexto, necessitava-se de um "salvador da pátria". Em 1992, as expectativas sobre ele diminuíram, principalmente em relação a população, sendo que sua popularidade decaía a todo momento. O discurso de Veja traçado em recomeços, aliado com o próprio discurso de Collor empenhado em se defender de acusações são alguns dos movimentos que o mantém no poder, por mais que sua impopularidade seja vultosa.

Ao mesmo tempo em que a ruptura vai se desenhando a partir de um cenário de instabilidade, principalmente no campo da política e da economia, os discursos vão ficando cada vez mais sem respaldo, e quando se dá enfim as denúncias contra PC Farias que após afunilariam em Fernando Collor, não há mais nenhum discurso que possa mantê-lo no poder.

A mudança de discurso a partir de junho de 1992 é colossal. Não há mais defesa, não há mais nenhum tipo de propaganda do Collor atlético, que pratica esportes, de sua mãe preocupada com ele, agora tudo vem por água abaixo. O discurso de Veja a partir de então forma-se a partir de intensos ataques a Collor, e estes ataques são alicerces para movimentação nos bastidores do cenário político, instauração de CPI para apurar crime de responsabilidade, e agora um novo elemento surge, o respaldo das ruas, que quer ver Collor fora da presidência.

Fernando Collor não caiu só por causa da Revista Veja. Caiu por tomar medidas impopulares, pelos seus planos econômicos fracassarem, pelos seus amigos próximos e correligionários, além de alguns ministros estarem envolvidos em denúncias de corrupção ou mera incompetência. Todos esses fatores contribuíram para a derrubada de Collor, porém não eram suficientes, faltava aquele "empurrãozinho", e em maio de 1992, com as denúncias de Pedro Collor, irmão do ex-presidente feitas a Revista Veja, ele acontece.

A partir desse contexto, os próximos quatro meses serão de intensa desconstrução de Fernando Collor, como político e como pessoa. Fatores políticos e pessoais vem à tona, e há neste meio tempo várias investigações, além da instalação de uma CPI no Congresso para apurar crimes de responsabilidade cometidos por Collor no caso PC Farias. As investigações são feitas tanto pela Revista Veja, quanto pela CPI, estando essa troca de informações utilizadas neste caso que acabaria derrubando Collor. Nunca a imprensa teve um papel tão decisivo no contexto político do país quanto neste caso.

Agora a publicação queria desconstruir seu discurso colocado em pauta nos anos anteriores, e necessitava de um aporte para isso. As provas contra Collor foram seu principal pilar neste caso, ainda mais que aquele projeto previsto lá em 1989 não estava mais de pé, necessitava-se de um novo nome e de um novo projeto, sem recomeços.

Agora aconteceria de fato a desconstrução final que culminaria com a saída de Collor da presidência em setembro.

Vários adjetivos são proferidos contra Collor, e são bem diferentes daqueles colocados em pauta em 1989. O envolvimento dele com PC Farias é a maior prova que a revista precisava para mudar seu discurso, pautado também no desgaste gradual nas relações entre Collor e Veja.

Podemos confirmar a partir de tudo isso, que o processo de "fritura" de Collor foi acontecendo de modo gradual, porém quando se deu a ruptura entre Collor e Veja, os discursos não estavam mais afinados, resultando em um processo com duração de quatro meses, que culminaria no afastamento de Collor da presidência pela Câmara em setembro, e em dezembro na sua renúncia e ao *impeachment* de fato, feito junto ao Senado. Porém podemos levantar algumas hipóteses acerca de um cenário diferente. E se Collor tivesse conseguido ajustar a meta fiscal? E se a economia não estivesse em um cenário caótico, de inflação e desemprego, será que este processo teria vindo à tona? O desgaste da imagem de Collor junto a população brasileira gerou sua impopularidade, e este desgaste também foi um dos fatores que culminaram no *impeachment*.

Caso o cenário fosse de crescimento econômico e de uma moeda forte, provavelmente as denúncias nem teriam vindo à tona, provavelmente Pedro Collor não denunciaria PC Farias e seu irmão caso sua família não fosse desunida, e caso Pedro não tivesse concorrência de PC Farias no mercado midiático alagoano. Todos esses fatores devem ser levados em conta nesta temática. Porém, "e se" é apenas um levantamento de hipóteses, apenas meras suposições, nada concreto.

Pensemos agora em um cenário onde Collor tivesse uma base forte no Congresso, um grupo de coalizão que o protegesse. As denúncias também poderiam ter sido jogadas "para baixo do tapete" até que ele finalizasse seu mandato. São tantos os aspectos que rondam este processo de desconstrução, que ficaríamos horas aqui debatendo tal conjuntura política, porém já ficou claro que Veja desempenhou um papel extremamente importante neste processo, em prol de um projeto ao qual visualizava para o futuro, e depois em prol da saída de Fernando Collor graças as denúncias que o culpabilizaram.

Estabelecer relações entre política e imprensa é algo novo no Brasil, onde que por mais que a imprensa possua respaldo e credibilidade junto ao público leitor e espectador, ela é movida por interesses, e são estes que determinam quais os tipos de discursos que serão abordados, e que tipo de matérias serão publicadas, dando importância a elas ou não. O contexto abordado neste trabalho é um onde a liberdade de imprensa e de expressão por meio da população tomam novas formas, formas estas que não eram vistas durante as décadas de 1960 a 1980, e são estes novos conceitos que determinam também a derrocada política de Collor.

Imagine-se agora inserido em um governo totalitário, em um governo repressor, que censura a liberdade de expressão e de imprensa. Será que tais denúncias teriam ganhado corpo se o contexto fosse esse? Mais uma hipótese a ser levantada.

Por fim, podemos afirmar que se política e economia andam juntas a partir desta nova história política traçada por René Rémond, principalmente lá no primeiro capítulo, política e jornalismo também ganham novas roupagens a partir do fim do período militar no Brasil. Utilizar jornais e revistas como fonte tornou-se um novo objeto para o historiador, principalmente por abordar um contexto histórico muitas vezes ausente na historiografia, sendo esta lacuna propriamente contemplada a partir de fontes jornalísticas, porém os cuidados a serem tomados não são poucos.

No caso abordado neste trabalho, os contornos que levaram Collor a presidência do Brasil, mesmo que advindo de um cenário desfavorável, como um partido pequeno com pouca base, sem coalizão, além de sair de um nicho eleitoral pouco midiático, são os mesmos contornos que o retiram do cargo ao qual ocupou por dois anos e meio. E a partir de agora, a imprensa passa a ter um papel fundamental nos rumos políticos do país, resultado de uma construção de discursos gradativa, que vai perpetrando no imaginário da população leitora e eleitora, trazendo consigo um novo conceito, uma nova força capaz de contribuir a sua maneira nos rumos políticos do país, como no caso descrito neste trabalho, o de construir e desconstruir políticos, conforme seus interesses forem colocados em pauta.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Emanuel. **Jornalismo e política:** a construção do poder. Revista Estudos em Jornalismo e Mídia. Vol. III n° 1 – 1° semestre/2006.
- BARROS, José D'Assunção. **História política:** Da expansão conceitual às novas conexões intradisciplinares. Opsi, Catalão, v. 12, n° 1, 2012.
- BORGES, Vavy Pacheco. **História política:** Totalidade e imaginário. XVIII Simpósio nacional da ANPUH. Recife, julho/1995.
- CAPELATO, Maria H. Rolim. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: Contexto/ EDUSP, 1988.
- FERREIRA, Jeovane G. **Capas da Revista Veja:** Significados explícitos e implícitos. Anais - I Colóquio de Letras da FALE/CUMB. Universidade Federal do Pará: fevereiro/2014.
- FERREIRA, Marieta M. **A nova "velha história":** O retorno da história política. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n . 10, 1992. (p. 265-271).
- JOSÉ, Emiliano. **Intervenção da imprensa na política brasileira (1954-2014).** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.
- LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa:** delineamentos metodológicos. 10° Encontro nacional de história da mídia. UFRGS, 2015.
- LUCA, Tanea.; MARTINS, Ana L. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.
- PINSKY, Carla. (Org). **Fontes históricas.** 2ª ed. São Paulo: Contexto: 2008.
- RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política.** 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- REVISTA VEJA:** Arquivo Digital. Disponível em:
<https://acervo.veja.abril.com.br/index.html#/editions> - Edições 1065 a 1268.
- RIBEIRO, Ana Paula. **Nelson Werneck Sodré e a história da imprensa no Brasil.** Intercom: São Paulo, 2015.
- RUBIM, Antonio A. Canelas; AZEVEDO, Fernando A. **Mídia e política no Brasil:** Textos e agenda de pesquisa. Seminário temático “Mídia, política e opinião pública” – Anpocs, 1997.
- SANTOS, Douglas A.; RUSSO, Raquel Assis.; EIRADO, Weiny G. **Análise fotográfica da revista Veja nas edições finais das eleições de 1989 e 2010.** I Fórum de Pesquisa CCL Mackenzie. Universidade Presbiteriana Mackenzie, outubro/2011.
- SILVA, Carla Luciana S. **Veja:** O indispensável partido neoliberal (1989 a 2002). Vol. 1. UFF/UNIOESTE: Niterói, 2005.
- SILVA, Neuma A. Dantas. **Ética como morada do jornalismo político.** Revista Comunicare. Vol. 15 – n° 1 – 1° semestre/2015.

NOTAS

- ¹ Luiz Inácio Lula da Silva - Segundo colocado nas eleições de 1989 e 35º presidente do Brasil.
- ² Leonel de Moura Brizola - Terceiro colocado nas eleições de 1989, ex-governador dos estados do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, falecido em 2004.
- ³ Mário Covas Júnior - Quarto colocado nas eleições de 1989, 30º governador do estado de São Paulo, falecido em 2001.
- ⁴ Ulysses Guimarães - Ex-presidente da Câmara dos Deputados, candidato a presidente da República pelo PMDB em 1989, falecido em 1992.
- ⁵ Impeachment - Termo em inglês correspondente a um processo criminal com viés político, instaurado no Congresso para apurar crimes de responsabilidade de chefes do Poder Executivo.
- ⁶ Paulo César Siqueira Cavalcante Farias - Tesoureiro da campanha de Fernando Collor em 1989, um dos principais responsáveis pelo impeachment dele após as denúncias que envolviam escândalos entre Collor e seu tesoureiro, falecido em 1996.
- ⁷ RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ⁸ LUCA, Tanea.; MARTINS, Ana L. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.
- ⁹ CAPELATO, Maria H. Rolim. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: Contexto/ EDUSP, 1988.
- ¹⁰ Escola dos Annales - Movimento responsável por incorporar elementos das Ciências Sociais a História, surgido no ano de 1929 na França.
- ¹¹ FERREIRA, Marieta M. **A nova "velha história": O retorno da história política**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n . 10, 1992. (p. 265-271).
- ¹² RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ¹³ Coronelismo - Poder dado ao chefe de província local, possuindo influência e controle sob as pessoas da comunidade.
- ¹⁴ RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ¹⁵ Joaquim José da Silva Xavier (Tiradentes) - Líder da Inconfidência Mineira, movimento com viés republicano, executado em 1789.
- ¹⁶ Tancredo Neves - 1º presidente da República eleito após o fim da Ditadura Militar de forma indireta. Falecido em 1985 não assumiu seu cargo, dando lugar a seu vice, José Sarney.
- ¹⁷ Juscelino Kubitschek de Oliveira - 21º presidente brasileiro, responsável pela troca da capital Rio de Janeiro para Brasília, falecido em 1976.

- ¹⁸ Getúlio Dornelles Vargas - 14º e 17º presidente do Brasil. Governou o país por 15 anos no primeiro mandato e 3 anos no segundo, tendo se suicidado em 1954.
- ¹⁹ Senso comum - Conhecimento acumulado no cotidiano, visto como algo normal, corriqueiro, cultural.
- ²⁰ BORGES, Vavy Pacheco. **História política: Totalidade e imaginário.** XVIII Simpósio nacional da ANPUH. Recife, julho/1995.
- ²¹ BARROS, José D'Assunção. **História política: Da expansão conceitual às novas conexões intradisciplinares.** Opsiis, Catalão, v. 12, n° 1, 2012.
- ²² Plano Collor I - Plano econômico com objetivo de diminuir o quadro de inflação e recessão econômica, implantado em 1990, resultando em um confisco das poupanças dos brasileiros.
- ²³ Plano Collor II - Plano econômico que substituía o plano anterior, implantado em 1991 com os mesmos objetivos do plano anterior, porém desta vez incluíam os congelamentos nos preços e aumento dos salários.
- ²⁴ RÉMOND, René. (Org.). **Por uma história política.** 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- ²⁵ CAPELATO, Maria H. Rolim. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: Contexto/ EDUSP, 1988.
- ²⁶ CAPELATO, Maria H. Rolim. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: Contexto/ EDUSP, 1988.
- ²⁷ CAPELATO, Maria H. Rolim. **A imprensa na história do Brasil.** São Paulo: Contexto/ EDUSP, 1988.
- ²⁸ Mantra - Algo repetitivo no pensamento da pessoa, com viés ideológico.
- ²⁹ LUCA, Tanea.; MARTINS, Ana L. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.
- ³⁰ LUCA, Tanea.; MARTINS, Ana L. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.
- ³¹ LUCA, Tanea.; MARTINS, Ana L. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2008.
- ³² SILVA, Carla Luciana S. **Veja: O indispensável partido neoliberal (1989 a 2002).** Vol. 1. UFF/UNIOESTE: Niterói, 2005.
- ³³ SILVA, Carla Luciana S. **Veja: O indispensável partido neoliberal (1989 a 2002).** Vol. 1. UFF/UNIOESTE: Niterói, 2005.
- ³⁴ José Sarney de Araújo Costa - 20º presidente do Brasil, assumindo a vaga de Tancredo Neves, falecido em 1985, antecessor de Fernando Collor.
- ³⁵ Marajá - Funcionário público com salários exorbitantes.

- ³⁶ João Paulo II - 264º papa da Igreja Católica, entre 1978 à 2005, ano de seu falecimento.
- ³⁷ Carta ao Leitor - Carta da Revista Veja dirigida para seus leitores, onde expressa a opinião do veículo em relação a assuntos publicados.
- ³⁸ Diretas Já - Movimento civil brasileiro que reivindicava por eleições diretas para presidente durante o período militar, tendo ocorrido entre 1983 e 1984.
- ³⁹ Roberto Pisani Marinho - Fundador e proprietário das Organizações Globo, maior conglomerado de comunicação do Brasil, tendo falecido em 2003.
- ⁴⁰ Arnon Afonso de Farias Mello - Governador de Alagoas entre 1951 a 1956, senador entre 1963 a 1983, pai de Fernando Collor, fundador do grupo Arnon de Mello, falecido em 1983.
- ⁴¹ Victor Civita - Fundador da Editora Abril, dona da Revista Veja, falecido em 1990.
- ⁴² Zélia Cardoso de Mello - Economista, ex-ministra da Economia no governo Collor, entre 1990 e 1991, também prima de Fernando Collor.
- ⁴³ Romeu Tuma - Ex-senador pelo estado de São Paulo entre 1995 a 2010, secretário da Receita Federal durante o governo de Fernando Collor, falecido em 2010.
- ⁴⁴ Cruzado Novo - Moeda brasileira vigente entre janeiro de 1989 a março de 1990.
- ⁴⁵ Cruzeiro - Moeda brasileira utilizada em três ciclos econômicos; 1942 a 1967, 1970 a 1986 e 1990 a 1993, substituta do Cruzado Novo na gestão Collor.
- ⁴⁶ Renan Calheiros - Político alagoano, tendo sido deputado estadual, federal, senador e Ministro da Justiça, além de presidente do Senado. Líder do PRN, partido de Collor durante parte de sua gestão.
- ⁴⁷ Roberto Civita - Filho de Victor Civita (fundador da Editora Abril), falecido em 2013.
- ⁴⁸ Sunday Times - Periódico dominical britânico, distribuído no Reino Unido e na Irlanda.
- ⁴⁹ Marcílio Marques Moreira - Ministro da Economia do governo Collor após a saída de Zélia Cardoso de Mello, tendo deixado o cargo após o impeachment de Fernando Collor.
- ⁵⁰ Belissa Ribeiro de Oliveira - Jornalista, especializada em marketing político, tendo contribuído para a vitória de Collor em 1989.
- ⁵¹ George Herbert Walker Bush - 41º presidente dos Estados Unidos entre 1989 a 1993.
- ⁵² República de Weimar - República estabelecida na Alemanha após o fim da Primeira Guerra Mundial.
- ⁵³ Paulo Salim Maluf - 46º prefeito da cidade de São Paulo e 25º governador do estado paulista, 5º colocado nas eleições de 1989.
- ⁵⁴ Antônio Rogério Magri - Ex-ministro do Trabalho e Previdência durante o governo de Fernando Collor, entre 1990 a 1992.

⁵⁵ José Guilherme Alves Merquior - Diplomata brasileiro, falecido em 1991.

⁵⁶ Pedro Affonso Collor de Mello - Irmão de Fernando Collor, responsável pelas denúncias que resultariam em uma CPI que incriminaria seu irmão de crime de responsabilidade e o retiraria da presidência, falecido em 1994.

⁵⁷ Tribuna de Alagoas - Periódico de circulação no estado de Alagoas, de propriedade de Paulo César Farias.

⁵⁸ Gazeta de Alagoas - Periódico de circulação no estado de Alagoas, de propriedade do grupo Arnon de Mello, jornal pertencente a família de Fernando Collor de Mello.

⁵⁹ Caixa 2 - Recursos financeiros não declarados aos órgãos de fiscalização, associada a crimes de lavagem de dinheiro e corrupção.

⁶⁰ Itamar Augusto Cautiero Franco - 33º presidente do Brasil, vice-presidente de Fernando Collor, tendo assumido sua cadeira após o impeachment. Falecido em 2011.

⁶¹ Casa da Dinda - Moradia oficial de Fernando Collor de Mello, localizada no Lago Norte em Brasília.